

I ENOQUE:
Nos bastidores de Crenças Angelológicas
Judaico-Cristãs



Filipe Guimarães



Filipe Guimarães

**I ENOQUE:
NOS BASTIDORES DE CRENÇAS
ANGELOLÓGICAS JUDAICO-CRISTÃS**

**MACAPÁ-AP
UNIFAP
2018**

Copyright © 2018, Filipe Guimarães

Reitor: Prof. Dr. Júlio César Sá de Oliveira

Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Simone de Almeida Delphim Leal

Pró-Reitor de Administração: Msc. Seloniel Barroso dos Reis

Pró-Reitora de Planejamento: Msc. Luciana Santos Ayres da Silva

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Cleidiane Facundes Monteiro Nascimento

Pró-Reitor de Ensino de Graduação: Prof.^a Dr.^a Elda Gomes Araújo

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.^a Dr.^a Amanda Alves Fecury

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Dr. João Batista Gomes de Oliveira

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Antonio Sabino da Silva Neto

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Antonio Sabino da Silva Neto, Ana Flávia de Albuquerque, Ana Rita Pinheiro Barcessat, Cláudia Maria Arantes de Assis Saar, Daize Fernanda Wagner, Danielle Costa Guimarães, Elizabeth Machado Barbosa, Elza Caroline Alves Muller, Janielle da Silva Melo da Cunha, João Paulo da Conceição Alves, João Wilson Savino de Carvalho, Jose Walter Cárdenas Sotil, Norma Iracema de Barros Ferreira, Pâmela Nunes Sá, Rodrigo Reis Lastra Cid, Romualdo Rodrigues Palhano, Rosivaldo Gomes, Tiago Luedy Silva e Tiago Silva da Costa

G9473e Guimarães, Filipe

I Enoque: nos bastidores de crenças angelológicas judaico-cristãs / Filipe Guimarães. – Macapá : UNIFAP , 2018.

Il.: 120 p.

ISBN: 978-85-547 6-037-3

1. Religião. 2. Cristianismo. 3. Enoque. I. Filipe Guimarães. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 270

Capa: Filipe Guimarães

Revisão gramatical: Cristiane Claudino Nascimento

Diagramação: Fernando Castro Amoras



Editora da Universidade Federal do Amapá

www2.unifap.br/editora | E-mail: editora@unifap.br

Endereço: Rodovia Juscelino Kubitschek, Km 2, s/n, Universidade,
Campus Marco Zero do Equador, Macapá-AP, CEP: 68.903-419



Editora afiliada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem permissão do autor.

É permitida a reprodução parcial dos textos desta obra desde que seja citada a fonte. As imagens, ilustrações, opiniões, ideias e textos emitidos nesta obra são de inteira e exclusiva responsabilidade do autor.

DEDICATÓRIA

Acima de tudo e de todos, dedico e agradeço a Deus. Dedico a minha esposa Raquel, que além, das várias atividades que desenvolve como, esposa, mãe, profissional e dona de casa, várias vezes fez o papel de pai, dando-me a oportunidade de ficar mais à vontade nas pesquisas. Aos nossos filhos Davi Filipe, Sarah Filippa e Natanael Di Filippo, nossos tesouros. Aos meus pais pela dedicação. E em especial ao meu avô Severino que completou 97 anos neste mês de agosto de 2018.

PREFÁCIO

É bem verdade que o Livro de I Enoque pertence a categoria literária conhecida pelo nome de pseudoepígrafe, isto é, escrito sob um nome falso. Todavia, entendo que esta atribuição não lhe tira o seu valor para o estudo do Livro Sagrado Cristão. Portanto, quero dizer que aprendi com a leitura do Livro de I Enoque muitas lições interessantes e significativas.

Primeiro, ele nos faz conhecer o contexto histórico e religioso dos séculos III ao I, antes de Jesus. Nesse período, o movimento apocalíptico abandonou a tradição profética de contestação ao Império, resguardando-se, apenas, a pregação escatológica. Em segundo lugar, a literatura apocalíptica popularizou-se nesse período mas somente os livros de I Enoque e Daniel destacaram-se, e hoje, são os que mais chamam a atenção dos estudiosos.

As razões para o interesse dos exegetas e teólogos estão expostas nos livros do Novo Testamento e nos escritos dos Pais da Igreja. Destaco, entre tantos textos do Novo Testamento, a denominação de profeta, dada por Judas a Enoque: *“como profetizou Enoque”* (Jd 14).

A leitura deste livro, escrito pelo Dr. Filipe Guimarães, especialista em Literatura Enoqueana e Arqueologia da Religião, certamente, despertará, em você, o desejo de ler e conhecer sobre I Enoque, texto muito rico para o estudo de temas relacionado as crenças judaico-cristão especialmente aquelas do contexto angelológico.

Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira
PPGCR-UMESP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CONTEXTUALIZANDO O LIVRO DE I ENOQUE	15
2. UMA NARRATIVA ESCATOLÓGICA	23
3. HISTÓRIA SOBRE A DESCIDA DOS ANJOS E DO PECADO	27
4. ENOQUE E A PETIÇÃO DOS VIGILANTES	39
5. PRIMEIRA JORNADA DE ENOQUE	43
6. SEGUNDA JORNADA DE ENOQUE	45
7. PRESENÇA DA NARRATIVA DOS VIGILANTES NOS ESCRITOS JUDAICOS	57
8. O DISCURSO ANGELOLÓGICO CRISTÃO NA HISTÓRIA ...	63
Angelologia na Idade Contemporânea	63
Terminologia, origem e natureza dos anjos	64
Nomes, atividades e capacidades dos anjos	68
Anjos da guarda	70
Território dos anjos	71
O Anjo do Senhor e o Príncipe do Exército do Senhor	71
Relacionamento com os anjos	73
História e atividades dos demônios	73
Angelologia na Idade Moderna	78
Angelologia na Idade Média	79
Angelologia no Cristianismo Primitivo	80
Justino o Mártir (II Século d.C)	85
Atenágoras (II Século d.C)	87
Irineu (II Século d.C)	88
Tertuliano (II Século d.C)	89
Clemente de Alexandria (II Século d.C)	97
Cipriano de Cartago (III Século d.C)	98
Lactantius (III Século d.C)	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105

REFERÊNCIAS 109



INTRODUÇÃO

Aprecio passagens bíblicas que ensinam ao cristão a lidar com a vida. Versículos como: *“julgai todas as coisas, retende o que é bom”* (I Ts 5:21), sempre me incentivaram a beber em outras fontes, assegurado de que as águas do saber que delas jorram, quando bem tratadas, tornam-se proveitosas para ajudar a saciar a sede por entendimento.

Certa vez, li uma frase de Tertuliano (segundo século d.C), que relatava: *“a verdade é a verdade de Deus venha de onde vier”*. Desde que a conheci, passou a ser minha companheira inseparável, tendo oportunidade, procuro citá-la. O fato é que, cristãos equilibrados, não podem ser radicais ao ponto de dizer que as informações de grande parte da literatura que nos cercam não são úteis ou não tem valor algum (postura de alguns radicais). Antes, devemos aproveitar o que é bom e aplicar à vida. O sábio é um constante aprendiz da arte de fazer exegese da existência.

Jesus falou: *“Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha”* (Lc 11:23). Seguramente declaro que o presente livro caminha alinhado na direção de ajuntar, somar, contribuir em favor da compreensão de ideologias cristãs, sobretudo as presentes nos primeiros séculos, principalmente no que tange as questões ligadas a angelologia.

A temática angelical encontra-se um tanto marginalizada na literatura cristã. Porém, nem sempre foi assim na história. A curiosidade sobre o tema era tanta no Cristianismo Primitivo que transformou-se em problema, uma vez que alguns cristãos começaram a incluir reverência aos anjos em sua liturgia. O texto: Colossenses 2:18, nos dá a ideia de que existiam pessoas que introduziam-se nas comunidades e ensinavam culto aos anjos, levando o apóstolo Paulo a combater esta postura teológica, quando escreveu: *“Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos”*.

O presente livro aborda a temática angelical de uma maneira franca, aberta e direta, sempre na direção de entender o pensamento teológico no Cristianismo em seus primórdios. Naquele contexto, além do Canon Judaico, eles utilizavam outros escritos como o Livro de I Enoque para nortear sua epistemologia. Não temos a intenção de posicionar I Enoque como canônico, antes, seguindo o modelo dos mestres daquela época, apropriamo-nos dele como um livro auxiliar, uma fonte rica de informações relevantes.

Até o século IV d.C. era comum, entre os cristãos, a leitura do livro pseudepígrafo de I Enoque. O embrião da rejeição começou no século II, com Júlio Africano, e atingiu o seu auge no século IV com Agostinho de Hipona. Porém, o posicionamento oficial, no cristianismo ocidental, que descredenciou o escrito de I Enoque como uma literatura útil à fé, deu-se no Concílio de Laodiceia (Séc. IV) que afirmou que os únicos nomes de anjos autorizados pelas Escrituras seriam o de Miguel, Gabriel e Rafael, afastando I Enoque (que cita vários nomes de anjos) do cenário teológico, até épocas recentes no Ocidente.

Em julho de 2010 ingressamos no mestrado com um projeto audacioso: estudar a narrativa dos vigilantes presentes em I Enoque. A ousadia estava no fato da pesquisa ser referente a um tema que, na academia brasileira, poucos pesquisam. Concluímos o mestrado em 2011. Porém, dada a importância do mesmo para os estudos bíblicos, continuamos aprofundando os estudos no doutorado.

O que motivou a investigação foi uma curiosidade que tive em 2002 pesquisando o livro de Judas. Encontrei as seguintes passagens: *"e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia"* (Judas 6). Um pouco mais adiante lemos:

Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impientemente praticaram e acerca de todas

as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele. (Judas 14,15)

Procurei nos livros veterotestamentários textos que fizessem conexão com as palavras de Judas sobre os “anjos que não guardaram o seu estado original”, que “abandonaram o seu domicílio”, que estão “guardados em trevas”, bem como a profecia que Judas atribui a Enoque, mas não encontrei nada nos textos bíblicos, acentuando ainda mais minha curiosidade. E por que não os encontrei? Porque esta citação textual e crenças não se encontram lá! Estão em I Enoque. O interesse em pesquisar o escrito se acentuou em 2009 quando fiz a leitura de um livro ficcional, escrito por Caio Fábio, chamado Nephilim.

Uma breve leitura de I Enoque revela ao leitor sua ênfase angelológica, ao mesmo tempo conduzindo-o a mergulhar em um cenário no mínimo curioso. É algo parecido como ir ao zoológico ver leões, elefantes e pássaros, mas ao chegar lá também se encontrassem dinossauros, tiranossauros e pteranodontes. Literalmente mergulhamos em um cenário atípico em relação ao que entendemos de existência na atualidade.

Tecnicamente falando, o presente livro é fruto de uma pesquisa exploratória e bibliográfica tendo como objetivo geral: *compreender crenças angelológicas no cristianismo primitivo, ou judaísmo próximo à era cristã.*

Este livro é uma contribuição para o entendimento de crenças angelicais cristãs, sobretudo aquelas pertencentes ao Cristianismo Primitivo. Utilizamos o livro de I Enoque, mais precisamente o Livro dos Vigilantes, no intuito de fornecer mais luz ao estudo bíblico.

A pesquisa foi norteadada por questionamentos tais como: Por que Judas e Pedro citam o livro de I Enoque? Como o Livro de I Enoque era tratado pelos primeiros judeus e cristãos? Qual a influência que este livro exerceu na formação do pensamento judaico-cristão? Qual a visão cosmogônica dos primeiros cristãos?

Durante o estudo evoluímos para as seguintes questões: Quantas quedas de anjos podemos visualizar na Bíblia? Quem são os filhos de Deus que aparecem em Gênesis 6? Quem são os gigantes presentes em Gênesis 6? Por que Levítico fala de um bode que era solto à Azazel no deserto? Quem são os espíritos em prisão de quem Pedro fala? Por que Jesus foi pregar aos espíritos em prisão? Por que o apóstolo Paulo diz que as mulheres deveriam usar véu quando fossem orar, por causas dos anjos? Por que Pedro diz para as mulheres se ataviarem com modéstia? Entre outros.

Buscamos dar respostas panorâmicas, mas substanciais, de sorte a fornecer impressões coerentes sobre o universo das crenças angelológicas no cristianismo primitivo. Assim, os objetivos específicos foram:

- Estudar as crenças angelológicas presentes no Livro dos Vigilantes;

- Pesquisar as crenças angelológicas na história cristã com vistas a verificar as mutações e distanciamento das crenças angelológicas primitivas;

- Entender melhor o texto bíblico, no que tange a angelologia, interpretando-o à luz de compreensões obtidas em I Enoque.

O conteúdo deste livro proporcionará ao leitor uma percepção mais coerente do pensamento apostólico. Trago como exemplo, o apóstolo Judas (meio-irmão de Jesus) que faz menção direta a I Enoque, bem como o apóstolo Pedro que faz referência à ida de Jesus ao Tártaro para pregar aos espíritos em prisão. Segundo nossas pesquisas mais recentes tudo indica que o próprio Jesus conhecia o livro de I Enoque e tenha elaborado alguns de seus ensinamentos embasado no mesmo.

O primeiro capítulo é uma discussão teórica sobre I Enoque. Do segundo ao sexto capítulo, fizemos uma abordagem direta a I Enoque, em que realizamos uma intertextualidade, de caráter mais comparativo, com o texto bíblico, ou seja, buscamos “casar” o enredo enoquista

com narrativas bíblicas. No sétimo capítulo verificamos o uso de I Enoque pelos judeus antes da era cristã. No capítulo oito, abordamos a angelologia em uma perspectiva histórica, com a proposta de verificar mudanças ocorridas na história do cristianismo. Para tanto, abordamos o assunto anacronicamente partindo da história contemporânea em direção à história cristã em seus primórdios.

Concluimos, com apontamentos sobre o uso pastoral do escrito nos primeiros séculos da era cristã e elaboramos também uma síntese em forma de tópicos, enfatizando as descobertas e os principais assuntos que abordamos.

Finalizo desejando que a presente investigação conceda luz aos interessados na literatura bíblica agregando algum conhecimento as suas pesquisas, posto que pouco se tem abordado a temática angelical em profundidade na atualidade.

1

CONTEXTUALIZANDO O LIVRO DE I ENOQUE

Livro de caráter profético-hitórico-escatológico, sendo um dos mais antigos exemplares da literatura judaica, capaz de refletir em suas diferentes partes as convicções e anseios dos judeus e cristãos, I Enoque, pode seguramente servir para a compreensão da atmosfera religiosa das primeiras comunidades cristãs. Ele não era um livro de curiosidades, mas servia para fins devocionais, cosmogônicos e futurísticos.

A Bíblia registra quatro personagens que possuem o nome Enoque.

- O primeiro refere-se ao filho mais velho de Caim. “E conheceu Caim a sua mulher, e ela concebeu, e deu à luz a Enoque; e ele edificou uma cidade, e chamou o nome da cidade conforme o nome de seu filho Enoque”. (Gn 4.17);

- O segundo ao filho de Jerede. “E viveu Jerede cento e sessenta e dois anos, e gerou a Enoque”. (Gn 5.18);

- O terceiro ao filho de Midian. “E os filhos de Midiã foram Efá, Efer, Enoque, Abida e Elda. Estes todos foram filhos de Quetura”. (Gn 25.4);

- A quarta referência é ao filho mais velho de Ruben. “E os filhos de Rúben: Enoque, Palu, Hezrom e Carmi”. (Gn 46.9).

Todos eles são primeiramente mencionados no livro de Gênesis.

O livro de I Enoque tem como personagem principal o segundo Enoque mencionado na Bíblia: o filho de Jerede. Sobre ele é dito que andou com Deus e não experimentou a morte, sendo trasladado (os

únicos personagens mencionados na Bíblia que passaram por esta experiência foram Enoque e Elias). Também é apresentado no Novo Testamento como um profeta. *“Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades” (Jd 14).*

Collins (2010. P.75) afirma que Enoque provavelmente foi escrito entre os séculos I e II a.C. Porém outros estudiosos defendem que o escrito é anterior ao século III a.C. O livro foi originalmente escrito em hebraico (capítulos 1-5 e 37-108) e aramaico (cap. 6-36). O texto original perdeu-se como é comum em escritos daquela época. Porém, existem traduções diversas como a grega, etíope, latina, alemã, inglesa e portuguesa.

O livro de I Enoque foi preservado totalmente na versão etíope e possui diversos manuscritos. Acredita-se que a primeira tradução para o Etíope tenha surgido por volta do séc. IV d.C. O interesse na publicação da obra em língua inglesa iniciou-se no séc. XIX. A primeira edição do texto etíope foi realizada por R. Laurence em 1839. Em seguida, surgiu uma edição crítica realizada em 1851 por A. Dillmann e na seqüência, 1902, outra edição crítica surge fruto do trabalho de J. T. Milik. Em 1906 R. H. Charles apresentou a sua versão do livro de I Enoque, e em 1978, Michael Knibb lança uma edição etíope, valendo-se de textos aramaicos editados por J. T. Milk. (TERRA, 2010, p.8)

Também há textos em grego. A versão grega está presente em 4 textos:

- 1) Codex Panapolitanus - descoberto em 1886 em Panápolis (Egito);
- 2) Codex Vaticanus, achado em 1809 e publicado por Card A. Mai em 1844;
- 3) Fragmentos conservados na Chronography de G. Syncellus;
- 4) Papiro Cherter Beatty-Michigan, um códice do séc IV.

Em aramaico, há apenas fragmentos encontrados entre os textos das cavernas de Qumran (cerca de 2 a 3% da obra), próximo ao

Mar Morto. A datação destes apontam para o terceiro século a.C., levando-nos a concluir que o Livro dos Vigilantes já circulava em língua aramaica, pelo menos, desde aquela época. Nos anos de 1970, J. T. Milik editou os fragmentos aramaicos encontrados em Qumran. Para ele as mais antigas partes (ou livros) presentes em I Enoque (Livro dos Vigilantes e Livro Astronômico) são do período pré-macabaico. (REED, 2005, p.3)

Para a Manuscritologia atual, I Enoque enquadra-se na categoria de pseudo-epígrafos¹ (termo cunhado pelos protestantes). James H. Charlesworth usou cinco critérios para classificar os pseudo-epígrafos: o livro pode ser, (...) parcialmente ou preferencialmente em totalidade, de origem judaica ou judaico-cristã; deve ser datado entre 200 a.C e 200 d.C; precisa alegar ser inspirado; tem de relacionar-se ao Antigo Testamento na forma ou no conteúdo; deve ser atribuído a um personagem do Antigo Testamento. (DOCKERY, 2001, p.570)

O período que vai do início do segundo século a.C. até o fim do segundo d.C. é considerado o período áureo da apocalíptica nos círculos judaicos. Isto tem base nas diversas obras e trechos apocalípticos escritos naquela época, a maioria extra bíblico. Vários destes trechos foram vinculados a grupos separatistas como, por exemplo, a comunidade de Qumran, famosa, principalmente, pelos manuscritos do Mar Morto. (DOCKERY, 2001, p.834)

Para Dockery (2001, p.834), em linhas gerais, pode-se afirmar que a apocalíptica floresceu em épocas de dominação estrangeira. Ele defende que a Era dos Macabeus e da perseguição aos cristãos pelo Império Romano serviram de contexto histórico. Logo após a segunda revolta judaica contra Roma em 135 d.C., a apocalíptica entra em de-

¹ O Livro de I Enoque está situado, na literatura, na categoria pseudoepigráfica, que é composta de obras atribuídas a um autor específico, mas não escritas por ele. Esta era uma forma, no mundo antigo, de se homenagear determinada pessoa importante e não deve ser, de forma alguma, considerada uma falsificação. Era uma maneira de dizer que o conteúdo do escrito remetia aquele personagem ou era pertencente a uma escola fundada por ele.

clínio e acaba desaparecendo depois do quarto século.

Apesar de possuírem diferenças significativas, há várias características literárias comuns aos textos apocalípticos. Também verificamos um certo padrão, relativamente uniforme, no que tange ao pensamento teológico. Uma das principais características é que todas as obras apocalípticas afirmam serem escritas por personagens bíblicos importantes. Outra característica é que estes textos são repletos de visões e simbolismos. É comum encontrarmos revelações, sonhos, visões, previsões do futuro, narrativa ou interpretações de anjos. Os escritores apocalípticos, escrevendo sobre o futuro, não se referiram ao mesmo de uma maneira vaga, mas o descreveram dentro de um contexto teológico, apontando para a vinda do Messias, que iria irromper na história e libertar o seu povo da opressão vivida neste mundo, concedendo-lhes justiça e felicidade eterna.

É natural encontrar neste tipo de escrito a descrição de cenas dualísticas: Deus contra Satanás, céu e inferno, justos e ímpios, anjos e demônios. Outras fortes marcas presentes na apocalíptica são: descrições de guerras espirituais, ênfase no caráter soberano, justo e amoroso de Deus sobre a história, incentivo a uma vida consagrada, exortação à perseverança na fidelidade a Deus frente a grandes desafios e a apresentação do tempo do fim como uma época de muito sofrimento. Deterministicamente, percebe-se que a história caminha para o triunfo final de Deus. (DOCKERY, 2001, p.835)

Apesar de possuir muitas destas características, I Enoque não é uma obra exclusivamente apocalíptica. Ele também possui textos do gênero de sabedoria. Pelo fato de possuir elementos pertencentes a estes dois gêneros, entendemos que I Enoque é expoente de uma nova categoria denominada Apocalíptica de Sabedoria.

Salientamos que I Enoque não é um único livro, mas uma coletânea de 7 livros intitulados:

- 1) Livro dos Vigilantes (1-36);
- 2) Livro das Parábolas (37-71);

- 3) Livro Astronômico (72-82);
- 4) Livro dos Sonhos (83-90);
- 5) Epístola de Enoque (91-105);
- 6) O Nascimento de Noé (106-107);
- 7) Outro Livro de Enoque (108).

O escrito possui uma íntima ligação com o livro de Gênesis, especialmente conectado à narrativa de Gênesis 6:1-4.

*“1 E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas,
 2 Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.
 3 Então disse o Senhor: Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem; porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos.
 4 Havia naqueles dias gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos; estes eram os valentes que houve na antiguidade, os homens de fama”.*

Tal relação leva-nos à seguinte pergunta: Quem surgiu primeiro? Ou, quem se apóia em quem? Este debate não é novo. Existem teóricos que defendem que I Enoque é de autoria mais antiga, enquanto outros apontam Gênesis como livro mais antigo.

Para Milik (1970, p.31), o livro de I Enoque é mais antigo que o texto bíblico. Nos anos de 90, Sacchi (dei um espaço) (1990, p.178) defendeu a ideia de que Gênesis 6:1-4 é um simples sumário de uma obra maior. A longa história é encontrada em I Enoque 6-11. Em 1993, P. R. Davies, também seguiu o mesmo caminho, afirmando que o texto de Gênesis pressupõe o conhecimento de I Enoque. (KVANVIG, 2003, p.278)

A outra posição, que afirma ser Gênesis mais antigo que I Enoque, parte do pressuposto que a narrativa de Gênesis é a porta de entrada para a formulação da história de I Enoque. Alexandre (1972, p.60) disse que o texto de I Enoque 6-11 é um elaborado midrax (um

desenvolvimento sofisticado) de Gênesis 6:1-4.

Segundo Kvanving (2004, p.180), em um artigo mais recente, esta relação não é tão simplificada como propõe a maioria dos pesquisadores modernos quando afirmam ser Gênesis mais antigo que I Enoque. Para ele, tanto Gênesis como Enoque referem-se a uma tradição ainda mais antiga do que eles, anterior ao que nós conhecemos. Ou seja, para Kvanving, nem Gênesis depende de I Enoque nem I Enoque de Gênesis, ambos se apóiam em outra fonte.

É relevante dizer que há divergências no que tange à origem das crenças descritas em I Enoque, principalmente as presentes no Livro dos Vigilantes. Estas divergências promovem o seguinte questionamento: Será que as crenças presentes no Livro dos Vigilantes são fruto da Era Apocalíptica ou o que aconteceu naquele momento foi um reavivamento de crenças antigas - dado as circunstâncias históricas do momento - despertando o interesse de escribas e comunidades pela tradição enoquita?

Conquanto, este seja um debate interessante, a questão principal não é quem é anterior a quem, mas se Gênesis e I Enoque fazem uso de tradições orais judaicas, que pode ser tão antiga quanto o judaísmo. Ao que tudo indica, esta é a situação, posto que o enredo de I Enoque, mais precisamente o presente no Livro dos Vigilantes, encaixa-se perfeitamente com alguns livros veterotestamentários, levando-nos a supor que ambos fazem uso da mesma tradição. Cito como exemplo a figura de Azazel que aparece em Levítico 16 (posteriormente iremos abordar com mais detalhes este assunto), como que caindo de paraquedas no texto, o que leva-nos a supor que os leitores de Levítico já conheciam a tradição relacionada à figura de Azazel, dispensando explicação a seu respeito.

Não se sabe ao certo o significado do nome Enoque. Algumas ideias são: treinado, iniciado, consagrado e mestre. Porém, o significado mais aceito é dedicado.

O presente trabalho concentrou-se no Livro dos Vigilantes que

é o escrito de I Enoque com mais pontos de contato com o texto bíblico. Acreditando ser a forma mais didática de se estudar o escrito, Vanderkam (1984) dividiu o Livro dos Vigilantes em cinco partes, a saber:

- 1) Uma repreensão escatológica 1-5;
- 2) História sobre a descida dos anjos e pecado 6-11;
- 3) Enoque e a petição dos Vigilantes 12 - 16;
- 4) Primeira jornada de Enoque 17-19;
- 5) Segunda jornada de Enoque 20 - 36.

Com a finalidade de facilitar a compreensão, apossamo-nos desta divisão e a utilizamos como tópicos dos próximos capítulos. Não tivemos a pretensão de abordar exaustivamente cada capítulo do Livro dos Vigilantes, mas fazer comentários das seções que julgamos mais apropriadas para o propósito do presente livro.

2

UMA NARRATIVA ESCATOLÓGICA (Caps. 1-5)

O texto bíblico mais antigo referente ao personagem Enoque, um homem que existiu antes do dilúvio, encontra-se em Gênesis 5:21-24:

“Enoque viveu sessenta e cinco anos e gerou a Metusalém. Andou Enoque com Deus; e, depois que gerou a Metusalém, viveu trezentos anos; e teve filhos e filhas. Todos os dias de Enoque foram trezentos e sessenta e cinco anos. Andou Enoque com Deus e já não era, porque Deus o tomou para si”.²

A narrativa apresenta Enoque como um homem consagrado, dedicado a Deus, decidido em sua geração a andar com Ele. Este personagem é percebido pelos cristãos e judeus como um homem exemplar, um modelo, no que tange à devoção ao Criador. Por ser tão apegado ao Criador, a tradição judaica afirma, respaldado neste texto, que ele não experimentou a morte. Dentre os personagens bíblicos temos relatos de que apenas Enoque e Elias passaram por este tipo de experiência.

Em períodos posteriores, grupos judaicos desenvolveram literaturas em torno da pessoa de Enoque. Geralmente ele é retratado como uma pessoa que possuiu um status superior ao humano, tornando-se uma espécie de mediador e intercessor entre Deus e os anjos (vigilantes ou sentinelas), como o livro apresenta.

No primeiro capítulo, o Livro dos Vigilantes faz menção a um juízo divino a ser derramado no mundo antigo. Tratava-se do dilúvio

² Esta e a maioria das citações bíblicas foram extraídas da versão Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida.

que aconteceria como julgamento de Deus sobre o mundo corrompido: “A terra será submersa e todas as coisas que habitam sobre ela perecerão, ora todos os seres serão julgados até mesmo os justos.” (I Enoque 1:6b)³

Ainda no início, o livro narra uma rebelião protagonizada por estes seres angelicais, chamados vigilantes (aqueles que vigiam) ou sentinelas. É dito que esta rebelião provocou mudanças drásticas na terra, culminando com uma catástrofe diluviana fruto do juízo divino, a fim de exterminar a maldade do planeta e punir a desobediência. A seguir, passaremos a examinar fragmentos textuais do Livro dos Vigilantes para obtermos uma compreensão mais precisa do mesmo. As primeiras palavras do escrito são:

Eis as palavras de Enoque, com as quais ele abençoou os eleitos e os justos, os quais devem existir nos tempos da tribulação, rejeitando toda iniquidade e mundanismo. Enoque, um homem justo, o qual estava com Deus, respondeu e falou com Deus enquanto seus olhos estavam abertos, e enquanto via uma santa visão dos céus. Isto os anjos me mostraram. (I Enoque 1:1)

A narrativa segue descrevendo tempos de tribulação que seriam frutos da “iniquidade e mundanismo”. Enoque recebe uma visão na qual é dito ter seus olhos abertos, transmitindo a ideia de que recebeu uma visão espiritual. A visão foi intermediada por anjos que apresentaram circunstâncias que se dariam em um futuro próximo à sua época.

Em I Enoque 1:9, encontramos o texto que é citado por Judas no Novo Testamento:

E eis! Ele vem com milhares de seus santos para fazer juízo contra todos, e destruir todos os ímpios e para condenar toda a carne, de todas as obras de sua impiedade que impiamente cometeram, e de todas as duras

³ As citações do livro de 1 Enoque presentes no trabalho foram extraídas do livro *The Book of Enoch*, de R.H. Charles (1917), Tradução nossa com base nas traduções de Márcio Pugliesi, Norberto de Paula Lima e Elcio C. Ferreira.

palavras que ímpios pecadores disseram contra ele.

Judas, ao citar o fragmento, interpreta-o como uma referência à volta de Cristo:

Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que vem o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele. (Jd 14,15)

A ideia da vinda do Senhor ou do Messias com seus anjos não era uma crença de origem neotestamentária. Muito provavelmente, quando Jesus falou da sua vinda junto aos seus anjos (ou santos anjos), fez inferência ao texto de I Enoque 1:9 à semelhança de Judas. Os textos se encontram nos evangelhos sinóticos:

Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. (Mt 16:27)

Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; (Mt 25:31)

Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos. (Mc 8:38)

Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos. (Lc 9:26)

Os textos assemelham-se muito ao de I Enoque, porém no lugar do termo “Ele” usado em Enoque e “Senhor” usado por Judas, o título nos evangelhos é “Filho do Homem”. Os relatos são muito próximos e

contém a mesma ideia: O Messias vindo com seus anjos para exercer juízo ou retribuir a cada um conforme as suas obras. Isso leva-nos a concluir que o livro de I Enoque está mais presente no Novo Testamento do que poderíamos pensar.

No capítulo 2 verso 1 está escrito:

Todos os que estão nos céus sabem o que transcorre lá. Eles sabem que as luminárias celestes não mudam seus caminhos; que cada uma nasce e se põe regularmente, cada uma a seu próprio tempo, sem transgredir os mandamentos que receberam.

O fragmento aponta para a consciência angelical acerca de permissões e proibições, limites, estabelecidos pelo Criador, transmitindo aos leitores a ideia de que aqueles que se propõem a alterar a ordem proposta pelo divino não serão tidos por inocentes.

3

HISTÓRIA SOBRE A DESCIDA DOS ANJOS E DO PECADO (Caps. 6-11)

Esta seção traz o relato da rebelião dos vigilantes que atraíram-se pela beleza das mulheres. A atração evoluiu para uma reunião, gerando juramentos angelicais, resultando na consumação do acordo. A união de anjos com mulheres gerou gigantes (nefilins), além de uma produção de conhecimentos até então oculta aos homens.

Um dos principais textos do Livro dos Vigilantes é o capítulo 6 da obra. Este narra: a paixão dos anjos pelas mulheres; a reunião dos chefes dos anjos que conceberam a rebelião; os sujeitos envolvidos na trama (os chefes dos anjos junto aos seus liderados); o fruto desta paixão, os nefilins; e as pesadas consequências para o mundo dos humanos. A narrativa segue assim:

Quando os filhos dos homens se multiplicaram naqueles dias, nasceram-lhe filhas, elegantes e belas. E quando os anjos, os filhos dos céus, viram-nas, enamoraram-se delas, dizendo uns para os outros: Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos. Então seu líder Samyaza disse-lhes: Eu temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento; E que só eu sofrerei por tão grave crime. Mas eles responderam-lhe e disseram: Nós todos juramos; (e amarraram-se por mútuos juramentos), que nós não mudaremos nossa intenção mas executamos nosso empreendimento projetado. Então eles juraram todos juntos, e todos se amarraram (ou uniram) por mútuo juramento. Todo seu número era duzentos, os quais descendiam de Ardis, o qual é o topo do monte Armon. Aquele monte portanto foi chamado Armon (ou Hermom), porque eles tinham jurado sobre ele, e amarraram-se por mútuo juramento. Estes são os nomes de seus chefes: Samyaza, que era o seu líder, Urakabameel, Akibeel, Tamiel, Ramuel, Danel, Azkeel, Saraknyal, Asael, Armers, Batraal, Anane, Zavebe, Samsaveel, Ertael, Turel, Yomyael, Arazyal. Estes eram os feitos dos duzentos anjos, e os restantes estavam todos com eles. En-

tão eles tomaram esposas, cada um escolhendo por si mesmo; as quais eles começaram a abordar, e com as quais eles coabitaram, ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores. E as mulheres conceberam e geraram grandes gigantes (nefilins). Estes devoravam tudo o que o labor dos homens produzia e tornou-se impossível alimentá-los; Então eles voltaram-se contra os homens, a fim de devorá-los; E começaram a ferir pássaros, animais, répteis e peixes, para comer sua carne, um depois do outro, e para beber seu sangue. Então a terra reprovou os injustos. (I Enoque 6:1-15)

O texto apresenta os filhos dos céus, como sendo uma referência angelical. Esta proposta também pode ser deduzida no relato bíblico de Gênesis 6:2: *“vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram”*. Na atualidade, a maioria dos teólogos afirmam que a expressão “filhos de Deus” é uma referência aos descendentes de Sete, a linhagem que Deus teria escolhido a fim de gerar o povo judeu, a nação eleita. Quando se caminha por esta interpretação, a ideia é que o povo de Deus (descendentes de Sete) desobedeceram a Deus, ao se contaminarem com outros povos. Porém, esta interpretação surge tardiamente na história cristã, mais precisamente no século II d.C, e distancia-se da realidade proposta pelo texto bíblico.

Todas as vezes que a expressão “filhos de Deus” aparece no Antigo Testamento faz referência a anjos e não a homens. No livro de Jó 1:6 encontramos um relato referente aos anjos que se apresentam diante de Deus como quem irá prestar relatórios. O texto diz: *“Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o SENHOR, veio também Satanás entre eles.”* Outra referência se encontra em Jó 2:1: *“Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles apresentar-se perante o Senhor”*.

Ainda no livro de Jó, encontramos um diálogo entre Deus e o personagem Jó. Neste diálogo ele é questionado sobre sua origem quando o Criador fundou a terra e os anjos cantavam. O episódio se encontra no capítulo 38:4-7:

Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dizemo, se tens entendimento. Quem lhe pôs as medidas, se é que o sabes? Ou quem estendeu sobre ela o cordel? Sobre que estão fundadas as suas bases ou quem lhe assentou a pedra angular, quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus?

Através dos próprios textos canônicos, concluímos que a expressão “filho de Deus” ou “filhos dos céus” é uma referência direta a anjos. Assim, em se tratando de Gênesis 6:2, “*Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram.*” a crença era que anjos escolheram, dentre as filhas dos homens, esposas para si, abdicando de seu estado original (posteriormente aprofundaremos esta afirmação). É importante perceber na narrativa que o interesse pelas filhas dos homens não se restringia a questões de ordem sexual. Eles desejaram construir uma família e selar o matrimônio com filhos. “*Vinde, selecionemos para nós mesmos esposas da progênie dos homens, e geremos filhos.*” (Enoque 6:2)

O principal responsável em incitar a rebelião angelical foi um sentinela chamado Samyaza (um dos principais líderes), que a princípio temeu tomar esta decisão sozinho. “*Eu temo que talvez possais indispor-vos na realização deste empreendimento*” (I Enoque 6:3). A narrativa também mostra a consciência que os anjos possuíam sobre o assunto. Samyaza diz: “*e que só eu sofrerei por tão grave crime*” (I Enoque 6:4). Ou seja, o texto descreve seres conscientes de seus atos e uma disposição para lidar com as conseqüências.

Após firmarem o pacto, “mútuo juramento”, seguem adiante em seu empreendimento e tomam mulheres, as que acharam mais belas dentre todas. O texto diz que foram cerca de 200 anjos dentre os quais 18 eram “prefeitos” (chefes principais). A narrativa aponta para o lugar do pacto como sendo o monte Hermom. Esta crença é um dos fatores que fez com que este monte fosse tão mencionado no Antigo Testamento, quinze vezes.

Se por um lado a beleza das mulheres encantaram aqueles an-

jos, por outro eles foram responsáveis em ensinar práticas obscuras para as mulheres: *“Ensinando-lhes sortilégios, encantamentos, e a divisão de raízes e árvores”* (I Enoque 6:10). Segundo I Enoque, os vigilantes foram responsáveis em disseminar conhecimentos e práticas que deveriam ser ocultas aos humanos.

O resultado da relação “anjo-humana” foi uma raça híbrida de gigantes: os nefilins. Na sequência fizemos uma tradução do texto de Gênesis 6 versículo 4 que nos ajudará a entender melhor o sentido original do texto.

“Nefilins (gigantes) estiveram na terra naquele tempo. Os mesmos que depois dos filhos de Deus possuírem as filhas dos homens que conceberam deles também vieram a ser poderosos tendo nomes conhecidos na antiguidade.” (tradução do autor)

Naquela época os homens estavam vivendo como escravos destes gigantes que devoravam tudo o que os humanos produziam: *“Estes devoravam tudo o que o labor dos homens produzia e tornou-se impossível alimentá-los”*. (I Enoque 6:12)

Como a quantidade de alimento tornou-se escassa, os nefilins buscaram outras fontes alimentícias. Além de matarem pássaros, animais, répteis e peixes, também passaram a alimentar-se de sangue e devorar humanos. Excetuando-se a situação de canibalismo (e beber sangue), poderíamos perguntar: Qual o problema de comer pássaros, animais, répteis e peixes, posto que é algo tão comum para humanidade há milênios? Por que o escrito busca destacar este comportamento? Para termos uma melhor noção sobre o assunto, examinemos a passagem bíblica de Gênesis 9:1-5:

Abençoou Deus a Noé e a seus filhos e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra. Pavor e medo de vós virão sobre todos os animais da terra e sobre todas as aves dos céus; tudo o que se move sobre a terra e todos os peixes do mar nas vossas mãos serão entregues. Tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva

verde, tudo vos dou agora. Carne, porém, com sua vida, isto é, com seu sangue, não comereis. Certamente, requererei o vosso sangue, o sangue da vossa vida; de todo animal o requererei, como também da mão do homem, sim, da mão do próximo de cada um requererei a vida do homem.

Segundo o texto supracitado, na era pré-diluviana era proibido ao homem alimentar-se de carne e beber sangue. Os homens eram vegetarianos. Ao que tudo indica, o texto bíblico também aponta para o vegetarianismo de animais. Quando Noé saiu da arca é dito que Deus fez uma aliança com ele. Nesta aliança é liberado a Noé, e seus descendentes, o ato de se apropriarem de carne de animais para sua subsistência. O Criador disse que *“tudo o que se move e vive ser-vos-á para alimento; como vos dei a erva verde, tudo vos dou agora.”* (Gn 9:3)

O momento em que os seres humanos tiveram o consentimento de Deus para se tornarem carnívoros foi no pós-dilúvio. Assim, o Livro dos Vigilantes fala das ações dos gigantes como perversa, pois o Criador ainda não concedera o aval para fazer “churrasco”. O texto bíblico aponta para o início da cadeia alimentar só no pós-dilúvio. Porém, o beber sangue continuou proibido segundo o texto de Gênesis.

Um dos anjos que recebeu destaque no livro de I Enoque foi Azazel, um dos chefes dos vigilantes. A ele atribuiu-se a responsabilidade de ensinar a arte de fabricar armas de guerra e utensílios para embelezamento. Além da violência, que fora ampliada, a fornicação aumentou no planeta.

Azazel ensinou os homens a fazerem espadas, facas, escudos, couraças, espelhos e a manufatura de braceletes e ornamentos, o uso de pinturas, o embelezamento das sobranceiras, o uso de todo tipo selecionado de pedras valiosas, e toda sorte de corantes, para que o mundo fosse alterado. A impiedade foi aumentada, a fornicação multiplicada; e eles transgrediram e corromperam todos os seus caminhos. (I Enoque 7:1)

O capítulo 7 ainda apresenta uma lista de outros anjos e práti-

cas as quais eles foram responsáveis em introduzir entre os humanos:

Amazarak ensinou todos os sortilégios, e divisores de raízes; Armers ensinou a solução de sortilégios; Barkayal ensinou os observadores das estrelas, Akibeel ensinou sinais; Tamiel ensinou astronomia; E Asaradel ensinou o movimento da lua. (1 Enoque 7:3-8)

O resultado foi “que as almas daqueles que estão mortos clamaram e queixam-se até ao portão do céu.” (I Enoque 8:10,11)

Nogueira (2006, p.145-155) trabalhou em um inventário que classifica os ensinamentos legados pelos sentinelas aos humanos. Ele aponta os nomes dos sentinelas e os seus respectivos ensinamentos:

Tabela 1: Transmissão de conhecimentos angelicais

Azazel	A metalúrgica (para fabricar as armas) e a cosmética
Amerazak	Magia (Encantamentos e raízes)
Armaros	Como anular encantamentos
Asradel	O ciclo lunar
Baraquiél	Os astrólogos
Kokabiel	Os signos
Tamiel	Astrologia

Fonte: Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista

A narrativa enoqueana segue mencionando a revolta dos sentinelas que permaneceram fiéis a Deus, os quais tornaram-se delatores dos erros praticados pelos sentinelas caídos e intercessores dos seres humanos, rogando ao Criador a execução de justiça e juízo sobre os anjos desertores e sua prole, destruidores da terra:

Então Miguel e Gabriel, Radael, Suryal, e Uriel, olharam abaixo desde os céus, e viram a quantidade de sangue que era derramada na terra, e toda a iniquidade que era praticada sobre ela, e disseram um ao outro; Esta é a voz de seus clamores; A terra desprovida de seus filhos tem clamado, mesmo até os portões do céu. E agora a ti, ó Santo dos céus, as

almas dos homens queixam-se, dizendo: Obtém justiça para conosco com o Altíssimo. Então eles disseram ao seu Senhor, o Rei: Tu és Senhor dos senhores, Deus dos deuses, Rei dos reis. O trono de Tua glória é para sempre e sempre, e para sempre seja Teu nome santificado e glorificado. (I Enoque 8:1-3)

Miguel e os seus companheiros apontaram Azazel e Samyaza como os principais agentes de maldades na terra, posto que foram eles os responsáveis em difundir ensinamentos iníquos por toda parte, além de revelar segredos celestes aos homens:

Viste o que Azazel fez, como ele tem ensinado toda espécie de iniquidade sobre a terra, e tem aberto ao mundo todas as coisas secretas que são feitas nos céus. Samyaza também tem ensinado sortilégios, para quem Tu deste autoridade sobre aqueles que estão associados Contigo. Eles tem ido juntos às filhas dos homens, têm-se deitado com elas; têm-se contaminado. (I Enoque 8:5,6)

A Bíblia de Jerusalém é uma boa tradução do texto Levítico 16:8 que faz menção a Azazel. O texto diz: “E Arão lançará sortes um pelo Senhor e a outra por Azazel.” Segundo A. E. Cundall, a maioria dos eruditos diz ser Azazel o líder dos espíritos maus do deserto.⁵

Em I Enoque 9:6-9,12 encontramos uma passagem que revela o porquê da ligação de Azazel com o deserto:

Depois o Senhor disse a Rafael: Amarra a Azazel, mãos e pés; lança-o na escuridão; e abrindo o deserto que está em Dudael, lança-o nele. Arremessa sobre ele pedras agudas, cobrindo-o com escuridão; Lá ele permanecerá para sempre; cobre sua face, para que ele não possa ver a luz. E no grande dia do julgamento lança-o ao fogo. Toda a terra tem se corrompido pelos efeitos dos ensinamentos de Azazel... A ele, portanto, se atribui todo crime.

No judaísmo antigo, o deserto era, entre outras coisas, o espaço geográfico em que se encontrava o Tártaro (lugar de punição usado por Deus para castigar Azazel e os anjos caídos por causa da desobe-

diência e todas as condutas perversas ensinadas por eles). Azazel foi aprisionado nas profundezas do deserto e lá ficaria até o dia do juízo. O deserto sempre fora percebido como lugar de sofrimento, angústia e dor no imaginário de vários povos.

Mas, por que a figura de Azazel aparece no relato de Levítico, se o livro de I Enoque é datado entre os séculos próximos à era cristã?

As prováveis respostas são que os judeus conheciam a tradição oral de Enoque ou que o livro de I Enoque seja mais antigo do que se pensa. Porém qual o sentido do bode emissário? Por que ele era oferecido a Azazel?

Anualmente, realizava-se uma cerimônia de purificação da nação de Israel, o chamado “Dia da Expição” (Lv 23:27 e 28). Uma das partes do cerimonial era o momento em que sortes eram lançadas sobre dois bodes. Um seria sacrificado e o outro (bode emissário) seria solto no deserto à Azazel (Lv 16:8-16).

Naquele dia acontecia um sacrifício em prol da família de Arão (Lv 16:11-14); era realizada a cerimônia de expiação pelo Santuário (Lv 16:15-19); e um sacrifício específico pelo sumo sacerdote e pelo povo ocorria através do oferecimento de holocaustos, após o bode emissário ser solto vivo no deserto (Lv 16:23-25).

Outra pergunta que cabe neste contexto é: por que um bode era sacrificado e outro solto? O sacrifício do bode, escolhido por sortes, era em favor do povo de Deus. O bode solto indicava que, para Azazel e os outros sentinelas aprisionados, não havia expiação, funcionando como uma espécie de “caminhão de lixo espiritual”, limpando a nação dos pecados cometidos durante o ano. Aquele bode levava as contaminações espirituais da nação para o “depósito de lixo” que era o deserto (lugar de habitação de demônios e prisão de Azazel e sentinelas). “Assim, aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles para terra solitária” (Lv 16:22).

Após o relato dos anjos Miguel, Gabriel, Radael, Suryal e Uriel de todas as maldades que aconteciam na terra, Deus resolveu limpar a

terra com um dilúvio. Enoque primeiramente pronuncia uma sentença contra Azazel e em seguida a todos os outros vigilantes:

Enoque partiu e disse a Azazel: Não mais terá paz em ti. Uma grande sentença há contra ti. Ele te amarrará; Socorro, misericórdia e súplica não estarão contigo por causa da opressão que tens ensinado; E por causa de todo ato de blasfêmia, tirania e pecado que tens descoberto aos filhos dos homens. Então partindo dele, falei a eles todos juntos; E eles todos ficaram apavorados, e tremeram. (I Enoque 13:1-5)

Outro texto que narra a prisão dos sentinelas é I Enoque 9:15:

O Senhor disse a Miguel: Vai e anuncia seus próprios crimes a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da Terra.

No Novo Testamento, encontramos passagens referentes aos espíritos em prisão que fazem conexão com o livro dos Vigilantes. Os textos encontram-se nas cartas escritas por Pedro e narram a punição dos sentinelas e à descida de Jesus ao Tártaro para pregar aos espíritos em prisão.

Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno (Tártaro), os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo; e não poupou o mundo antigo, mas preservou a Noé, pregador da justiça, e mais sete pessoas, quando fez vir o dilúvio sobre o mundo de ímpios. (II Pe 2:4-5)

O fragmento nos mostra a consciência que o apóstolo Pedro tinha sobre o pecado de anjos e sua punição em forma de aprisionamento. Pedro diz que eles foram aprisionados no Tártaro. A mesma ideia ocorre em I Enoque 9:15. Lá é dito que os vigilantes foram amarrados “debaixo da terra”, antes que o dilúvio viesse sobre ela. Tártaro

também aparece no texto de I Enoque 20.2.

Em I Pedro 3:18-20, encontramos o discurso de Pedro sobre a descida de Jesus ao Tártaro:

Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou (ἐκήρυξεν) aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água.

O apóstolo, mais uma vez, fez alusão aos sentinelas que foram aprisionados em trevas e portanto, estariam sem contato com nada, como relata I Enoque. Mas, qual o porquê da descida de Jesus a este lugar para pregar? Certamente, que Pedro não se referiu a “pregar o evangelho” (κηρύξατε τὸ εὐαγγέλιον) como Jesus ordenou em Mc 16:15. Não se trata de um tipo de pregação para salvação, consolo ou edificação dos vigilantes, mas à testificação de uma vitória, o anúncio de uma conquista. A idéia do texto é que até mesmo às criaturas que estão em uma dimensão de isolamento total o triunfo de Jesus foi anunciado. Ou seja, todas as criaturas, de todas as dimensões, souberam da vitória! As que estão no céu, as que estão na terra e também as que estão “debaixo da terra”.

Quando fazemos a leitura do texto de Gênesis 6:5-7, um questionamento natural surge: Por que Moisés não falou da destruição dos gigantes ou dos anjos caídos no relato? Fala-se da destruição dos homens, dos animais (existem tradições judaicas que dizem que até os animais se corromperam misturando-se com espécies diferentes, além da prática da zoofilia), mas não se fala nada da destruição de anjos caídos ou gigantes ímpios que estavam cometendo perversidades na terra. O texto diz:

Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração. Disse o Senhor: Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito. (Gn 6:5-7)

Em nenhum momento encontramos referência à destruição do mundo por causa de nefilins no relato bíblico. Por quê? Porque o dilúvio não era para punir os gigantes, uma vez que eles já estavam destruídos, posto que o juízo de Deus já caíra sobre eles. No texto enoquiano encontramos referências que relatam a destruição dos nephilins. Desse modo, concluímos que pereceram através de uma guerra “nefiliana” ou “nefiliamita”.

Em 1 Enoque 12:4-5, está escrito:

De agora em diante, nunca ascendereis ao céu; Ele o disse que na terra Ele vos amarrará, tanto tempo quanto o mundo existir. Mas antes destas coisas tu verás a destruição dos vossos bem-amados filhos(os nephilins); não os possuireis, mas eles cairão diante de vós pela espada. (parênteses do autor)

O escrito afirma que o Criador também envia Gabriel para destruir os filhos dos sentinelas. Ele é responsável em fazê-los guerrear uns contra os outros. A morte dos filhos dos sentinelas, causando dor paterna, fora decretada como sentença punitiva divina aos pecados dos sentinelas:

A seguir o Senhor disse a Gabriel: Vai aos maus, aos réprobos, aos filhos da fornicação; e destrói os filhos da fornicação, a descendência das sentinelas de entre os homens; traga-os e excita-os uns contra os outros. Faça-os perecer por mútua matança; pois o prolongamento de dias não será deles. Eles rogarão a ti, mas seus pais não obterão seus desejos com respeito a eles; pois eles esperaram por vida eterna. (I Enoque 9:13-14)

Pode-se deduzir o mesmo em relação ao fato de Gêneses 6 não

relatar o dilúvio como juízo de Deus para punir os anjos caídos, posto que a sentença também fora diferente. Segundo I Enoque eles presenciariam a morte dos seus filhos (os nephilins) o que se deu antes do dilúvio, na guerra nephiliana, e em seguida seriam aprisionados debaixo da terra (Tártaro). Miguel foi o responsável em transmitir a sentença a Samyaza e aos seus companheiros:

Depois o Senhor falou a Miguel: Vai e anuncia o castigo a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da terra, mesmo até o dia do julgamento, e da consumação, até o julgamento, cujo efeito que dura para sempre, seja completado. Então eles serão levados para as mais baixas profundezas do fogo em tormentos; lá eles serão encerrados em confinamento para sempre. (1 Enoque 9:15-17)

Também é importante lembrarmos que o livro de Gêneses não tem como intenção fornecer todos os detalhes dos acontecimentos pré-diluvianos, antes nos apresenta lampejos do que foi aquele mundo que Deus quis sepultar para dar aos seres humanos a oportunidade de um novo recomeço.

4

ENOQUE E A PETIÇÃO DOS VIGILANTES (Caps. 12-16)

Sabedores da sentença, os sentinelas buscaram cativar Enoque para que ele intercedesse diante de Deus por suas vidas:

E ficaram aterrorizados e tomados de tremor: E suplicaram para que eu escrevesse por eles um memorial de súplica, para que pudessem obter perdão; e que eu fizesse um memorial de suas orações ascendendo diante do Deus do céu; porque eles, por si mesmos, desde então não podiam dirigir-se a Ele, nem levantar seus olhos aos céus por causa da infame ofensa com a qual eles foram julgados. (I Enoque 13:5-6)

Enoque, compadecido, escreve as petições (orações) dos vigilantes (anjos caídos) buscando conquistar o perdão de Deus: “Então eu escrevi um memorial de suas orações e súplicas, por seus espíritos, por tudo o que eles fizeram, e pelo assunto de sua solicitação, para que eles obtivessem remissão e descanso” (I Enoque 13:7). Porém, o pedido não foi atendido:

E compreendi com o coração. Da mesma forma que o Senhor havia criado e dado aos homens o poder de compreender a palavra de entendimento, assim criou, e deu a mim o poder de reprovos sentinelas, a geração dos céus. E escrevi sua petição; e na minha visão foi-me mostrado que seu pedido não lhes será atendido enquanto o mundo perdurar. Julgamento passou sobre vós: vosso pedido não vos será atendido. De agora em diante, nunca ascendereis ao céu; Ele o disse que na terra Ele vos amarrará, tanto tempo quanto o mundo existir. (I Enoque 14:2-4)

Na sequência da narrativa, Deus manda Enoque levar um recado para os vigilantes, reprovando a atitude humilhante dos mesmos em pedir socorro a homem, quando era da responsabilidade deles ro-

gar pelos humanos:

Então dirigindo-se a mim, falou-me da seguinte forma: Ouve, não se atemorize, justo Enoque, tu escriba da retidão: aproxima-te para cá, e ouve a minha voz. Vai, dize às sentinelas do céu, a quem te enviei para rogar por eles; tu deves rogar pelos homens, e não os homens por ti. (I Enoque 15:1)

É interessante que, na sequência, Deus concede permissão aos sentinelas para casarem-se com mulheres. Porém, a permissão é dada em tom de reprovação, como se fossem os últimos instantes de alegria reservados aqueles que resolveram abdicar de um estado sublime, para viver a limitação existencial em rebeldia consciente ao Criador. Os vigilantes, que eram santos, possuidores de esplendor e moravam em um sublime Céu, envolveram-se com mortais, corrompendo a qualidade celeste de sua natureza, aceitando viver em um nível inferior de existência, sujeitos a severas punições:

Por que abandonastes o sublime e santo céu, o qual permanece para sempre; para tornar-vos impuros com as mulheres; vos corrompestes com as filhas dos homens; tomastes para ti esposas; agistes igual aos filhos da terra, e gerastes uma ímpia descendência. Sois espirituais, santos, e possuidores de uma vida que é eterna; vos contaminastes com mulheres, procriastes em sangue carnal; cobiçastes o sangue de homens; e fizestes como aqueles que são carne e sangue fazem. Estes, contudo, morrem e perecem. Portanto, de agora em diante Eu dou-vos esposas, para que possais coabitar com elas; para que filhos nasçam delas; e que isto seja negociado sobre a terra. Mas desde o princípio fostes feitos espirituais, possuindo uma vida que é eterna, e não sujeito à morte para sempre. Portanto, eu não fiz esposas para vós, porque, sendo espirituais, vossa habitação está no céu. (I Enoque 15:2-7)

O texto de I Enoque também apresenta um relato interessante sobre os nefilins (filhos dos anjos caídos). É dito que a morte deles liberaria seus espíritos malignos, cheios de maldade, que teriam sua morada na terra, posto que dela procederam e existiriam em um esta-

do de oposição aos seres humanos:

Os gigantes, que têm nascido de espírito e de carne, serão chamados sobre a terra de maus espíritos, e sua morada será na terra. Maus espíritos procederão de sua carne, porque eles foram criados de cima; dos santos sentinelas foi seu princípio e a sua primeira fundação. Maus espíritos eles serão sobre a terra, e de espíritos da maldade eles serão chamados. A habitação dos espíritos do céu será no céu, mas sobre a terra estará a habitação dos espíritos terrestres, os quais são nascidos na terra. Os espíritos dos gigantes serão semelhantes às nuvens, os quais oprimem, corrompem, caem, contendem e confundem sobre a terra. Eles causarão lamentação. Nenhuma comida eles comerão; e terão sede; eles se esconderão e não se levantarão contra os filhos dos homens, e contra as mulheres. Pois eles virão durante os dias da matança e da destruição. E quanto à morte dos gigantes, onde quer que seus espíritos se apartem de seus corpos; e sua carne será destruída antes do julgamento. (I Enoque 15:9-16:1)

No texto bíblico encontramos várias referências aos espíritos malignos. De acordo com a Bíblia estes seres também possuem a capacidade de habitar corpos, como veremos em alguns relatos onde é dito que Jesus expulsou espíritos malignos de pessoas. Em Lucas 7:21 registra-se: *“Naquela mesma hora, curou Jesus muitos de moléstias, e de flagelos, e de espíritos malignos; e deu vista a muitos cegos.”*

Baseado em I Enoque, afirmamos que o grupo que compõe os espíritos malignos, também é formado pelos espíritos dos gigantes (ou nefilins) que agora encontram-se desencarnados (sem corpo). Assim, textos como o do endemoninhado gadareno (Mc 5:1-20) ou de Maria, chamada Madalena (Lc 8:2), também podem ser interpretados como possessão dos espíritos dos nefilins.

Terra (2010, p.49), partindo do estudo da passagem de I Enoque 15, elaborou uma seqüência de características que pertenceriam aos espíritos maus ou demônios:

- 1º - são desencarnados;
- 2º - geram problemas aos homens;

- 3º - são possuidores de uma natureza impura;
- 4º - são espíritos;
- 5º - são responsáveis por vários males;
- 6º - são grandes e fortes;
- 7º - são violentos;
- 8º - estão relacionados;
- 9º - vagam sobre a terra;
- 10º - são muitos.

5

PRIMEIRA JORNADA DE ENOQUE (Caps.17-19)

No capítulo 17, a narrativa descreve Enoque iniciando uma jornada guiado por anjos. Eles levam-no a um lugar em que os seres residentes eram capazes de assumir outras formas: *“me levaram a um lugar que onde os que estão são como fogo abrasador, e quando querem, se aparecem como anjos”*(I Enoque 17:1). Nesta primeira jornada, ele vê os anjos que se casaram com as mulheres e induziram os homens a adorem demônios.

No Novo Testamento, existe um texto paulino que é uma crítica aos falsos apóstolos. Paulo utiliza-se da metamorfose do diabo para construir seu argumento: *“os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo. E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz”* (II Co 11:13-14). Possivelmente, ao falar que Satanás pode se transformar em anjo de luz, Paulo tinha em mente o Livro dos Vigilantes.

No texto de Enoque 18:16 encontramos uma referência ao ano secreto apontando para o dia do juízo, no qual as estrelas (anjos) que estão amarradas serão julgadas por seus crimes.

As estrelas que rolam sobre fogo são aquelas que transgrediram o mandamento de Deus antes que seu tempo chegasse; pois elas não vieram em sua própria estação. Portanto, Ele ofendeu-se com elas, e amarrou-as até o período da consumação dos seus crimes no ano secreto. (I Enoque 18:16)

Este pode ser um texto que influenciou a fala de Jesus quando disse: *“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai.”* (Mt 24:36)

Em I Enoque, existe uma referência que atribui aos vigilantes o ensino da adoração a outros deuses. Estes deuses são tidos como demônios e apontam para anjos caídos:

Assumindo muitas formas fizeram com que os homens se desviassem e errassem; assim eles sacrificaram aos demônios como aos deuses. Pois no grande dia haverá um julgamento, no qual eles serão julgados, até que sejam consumidos. (1 Enoque 19:2)

No Novo Testamento, o apóstolo Paulo afirma que os cristãos julgarão os anjos. O texto encontra-se em I Coríntios 6:3: “*Não sabeis que havemos de julgar os próprios anjos? Quanto mais as coisas desta vida*”. Tomando como base o texto de I Enoque, citado anteriormente, afirmamos que, no pensamento paulino, o motivo pelo qual os cristãos julgarão seres angelicais (caídos), dar-se-á em virtude do fato deles terem sido instrumento de distanciamento da verdadeira adoração que deve ser oferecida ao único e verdadeiro Deus. Ou seja, eles ensinaram que os seres humanos podiam dividir a glória de Deus com outros “deuses” que seriam eles. Bem como foram responsáveis em levar os homens a atrair severas sentenças de Deus por causa dos pecados que aprenderam e passaram a praticar.

6

SEGUNDA JORNADA DE ENOQUE (Caps. 20-36)

Após uma descrição de algumas atividades no capítulo 20 de sete sentinelas fiéis a Deus, o capítulo 21 traz o prolongamento da viagem de Enoque, a qual alguns estudiosos denominaram de “segunda jornada de Enoque”. Na sequência, ele vai até ao Caos, que é descrito como um “lugar deserto e terrível”. Seu companheiro neste momento é o sentinela Uriel. Naquele lugar, encontravam-se os anjos que transgrediram e foram aprisionados. Nos capítulos 22 a 27, Enoque é levado a vários lugares. Ele passa por montes esplendorosos, árvores aromáticas e um vale maldito.

Os capítulos seguintes apresentam Enoque conhecendo mais árvores aromáticas e encontrando a árvore do conhecimento que localiza-se no paraíso montanhoso de Deus. Depois de passar pelo paraíso, ele enxerga enormes bestas e faz uma comparação com aves. Ele percorre o norte, leste e sul e retorna ao leste. O texto finaliza com uma doxologia reverenciando o nome de YHWH (nome de Deus).

Segundo o Livro dos Vigilantes, a rebelião não é uma realização de todos os sentinelas. Como falamos anteriormente, encontramos no capítulo 20 um grupo que empenha-se em servir a Deus e a função ou funções que cada um desempenha. É considerável percebermos a classificação de suas atividades, pois elas apontam para a crença presente no imaginário dos judeus e posteriormente, dos cristãos sobre a organização dos anjos.

Os nomes dos sentinelas são: Uriel, um dos santos anjos, o qual preside sobre o clamor e o terror. Rafael, um dos santos anjos, o qual preside sobre os espíritos dos homens. Raguel, um dos santos anjos, o qual inflige punição ao mundo e às luminárias (ou estrelas, referência a anjos caídos). Miguel, um dos santos anjos, o qual, presidindo sobre a virtude

humana, comanda as ações. Sarakiel, um dos santos anjos, o qual preside sobre os espíritos dos filhos dos homens que transgridem. Gabriel, um dos santos anjos, o qual preside sobre a serpente, sobre o paraíso e sobre querubins. (parênteses do autor)

Conjecturamos, partindo desse fragmento, que os sentinelas fiéis dominam sobre anjos caídos (luminárias ou estrelas), querubins (espécie de anjos) e serpente (símbolo de Satanás, líder dos demônios). A narrativa bíblica possui textos mencionando as palavras “exército” e “estrelas” como referências a anjos.

Segundo Grudem (1999, p.323), Neemias 9:6, quando menciona “exércitos”, reporta-se a anjos. O texto diz: *“Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quando nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora”*.

O texto bíblico também descreve estrelas cantando: *“quando as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus”* (Jó 38:7). Comparando estes textos percebe-se que a palavra “exército” e “estrela” podem ser tomadas como sinônimas e que, metaforicamente, simbolizam anjos.

Em I Enoque, as luminárias, apontando para anjos caídos, são afligidas por um sentinela chamado Raguel. Percebe-se que os sentinelas possuem autoridade sobre a “serpente”. Sobre isso é dito que Gabriel *“preside sobre a serpente”*. (I Enoque 20:7)

A Bíblia apresenta a serpente como uma referência a Satanás: *“Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o Senhor Deus tinha feito, disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?”* (Gn 3:1). Em Apocalipse encontramos na hermenêutica joanina o entendimento do que seria esta serpente: *“E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.”* (Ap 12:9).

I Enoque também indica o domínio de Gabriel sob os queru-

bins. No texto sagrado encontramos alguns relatos referentes a querubins. Em Gênesis 3:24 lemos: “E, expulso o homem, colocou querubins ao oriente do jardim do Éden e o refulgir de uma espada que se revolvia, para guardar o caminho da árvore da vida”. O livro de Êxodo registra que o propósito dos querubins era impedir o acesso à árvore da vida, o que concederia vida eterna aos homens. Eles também estavam em cima do propiciatório da arca:

Farás dois querubins de ouro; de ouro batido os farás, nas duas extremidades do propiciatório; um querubim, na extremidade de uma parte, e o outro, na extremidade da outra parte; de uma só peça com o propiciatório fareis os querubins nas duas extremidades dele. Os querubins estenderão as asas por cima, cobrindo com elas o propiciatório; estarão eles de faces voltadas uma para a outra, olhando para o propiciatório. (Ex 25:18-20)

A finalidade do propiciatório era proporcionar um espaço sagrado em que Deus comunicar-se-ia com o Sumo Sacerdote: “Ali, virei a ti e, de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a Arca do Testemunho, falarei contigo acerca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel”. (Ex 25:22).

Além do propiciatório existiam cortinas no tabernáculo que possuíam estampas de anjos gravadas em seu tecido: “Farás o tabernáculo, que terá dez cortinas, de linho retorcido, estofado azul, púrpura e carmesim; com querubins, as farás de obra de artista” (Ex 26:1). Também no véu, que separava o santo lugar do santo dos santos, existia gravuras de querubins: “Farás também um véu de estofado azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino retorcido; com querubins, o farás de obra de artista”. (Ex 26:31)

Porém, qual o sentido da criação dos querubins de ouro e das cortinas com querubins gravados? Provavelmente era uma espécie de projeção daquilo que era entendido como Céu, ou seja, a ideia de que existia um lugar onde Deus estava entronizado, cercado de anjos que

inclinaram-se diante de Sua presença. “Mandou, pois, o povo trazer de Siló a arca do Senhor dos Exércitos, entronizado entre os querubins; os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, estavam ali com a arca da Aliança de Deus.” (I Sm 4:4)

A história dos vigilantes continua e no capítulo 21 de I Enoque, lemos o episódio que marca o início daquela que é considerada a segunda viagem de Enoque. Segundo este relato Enoque acompanha-se de anjos que o levam para vários lugares. Na medida em que se conhece estes lugares ele faz perguntas e recebe respostas dos sentinelas:

Percorri um longo percurso para alcançar um lugar no qual nada estava completo. E lá eu não vi nem as tremendas manufaturas de um céu exaltado, nem de uma terra estabelecida, mas um lugar desolado, preparado e terrível. Lá também vi sete estrelas do céu amarradas juntas, semelhantes a grandes montanhas, e semelhante ao fogo fervente. Eu exclamei: Por que espécie de crime elas foram amarradas, e por que foram removidas de seu lugar? Então Uriel, um dos santos anjos que estava comigo, e o qual conduzia-me, respondeu: Enoque, por que perguntas; por que arrazoas consigo mesmo, e ansiosamente indagas? Estas são aquelas estrelas que transgrediram o mandamento do altíssimo Deus; e estão aqui amarradas, até que o número infinito dos dias dos seus crimes esteja completo. Dali eu passei depois para um outro lugar terrível; Onde eu vi a operação de um grande fogo flamejante e resplandecente, no meio do qual havia uma divisão. Colunas de fogo lutando juntas para o fim do abismo, e profunda era sua descida. Mas sua medida e magnitude eu não fui capaz de descobrir, nem pude perceber sua origem. Então exclamei: Quão terrível é este lugar, e quão difícil explorá-lo! Uriel, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu e disse: Enoque, por que estás alarmado e maravilhado com este terrível lugar, à vista deste lugar de sofrimento? Isto, disse ele, é a prisão dos anjos; e aqui eles serão mantidos para sempre.

É importante destacarmos a relação entre estrelas e anjos, pois o mesmo acontece nos textos bíblicos. Primeiramente, o autor utiliza-se da figura das estrelas e no final revela o seu significado. Este estilo de escrita é comum nos escritos apocalípticos. Um exemplo encontra-se em Apocalipse 1:12-20. João narra que viu sete estrelas e sete can-

deeiros e no final do relato dá a interpretação:

Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.

Na sequência Enoque é transportado para um lugar deleitoso em que os espíritos, ou almas dos justos, aguardam o dia do julgamento clamando por vingança. Também se faz menção a uma separação entre as almas dos justos e injustos. Os injustos ao morrerem ficam aguardando, em sofrimento, o dia do grande julgamento no qual sofrerão eternamente:

Dali eu fui para outro lugar, onde vi do lado ocidental uma grande e elevada montanha, uma forte rocha, e quatro lugares deleitosos. Internamente ele era profundo, espaçoso e plano: ele era profundo e escuro à vista. Então Rafael, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu e disse: Estes são os lugares deleitosos onde os espíritos, as almas dos mortos, serão reunidos; para eles ele foi formado e aqui serão reunidas todas as almas dos filhos dos homens. Estes lugares, nos quais habitam, eles ocuparão até o dia do julgamento, e até seu período escolhido. Seu período escolhido será longo, mesmo até o grande julgamento. E vi os espíritos dos filhos dos homens que estão mortos; e suas vozes rompem o céu, enquanto eles são acusados. Então inquiri de Rafael, o anjo que estava comigo, e disse: Que espírito é aquele, a voz do qual alcança o céu, e acusa? Ele respondeu, dizendo: Este é o espírito de Abel o qual foi

morto por Caim seu irmão; o qual acusará aquele irmão, até que sua semente seja destruída da face da terra; Até que sua semente desapareça da semente da raça humana. Naquele tempo portanto eu inquiri a respeito dele, e a respeito do julgamento geral, dizendo: Por que um está separado ou outro? Ele respondeu: Três separações foram feitas entre os espíritos dos mortos, e assim os espíritos dos justos foram separados, Nomeadamente, por uma fenda na terra, por água, e por luz acima dela. E da mesma maneira os pecadores são separados quando morrem, e são sepultados na terra; julgamento não os surpreenderá em seu tempo de vida. Aqui suas almas estão separadas. Além disso, abundante é seu sofrimento até o tempo do grande julgamento, o castigo, e o tormento daqueles que eternamente execraram, cujas almas são munidas e amarradas lá para sempre. E assim tem sido desde o princípio do mundo. Assim, existe uma separação entre as almas daqueles que proferem reclamações, e daqueles que vigiam pela sua destruição, para sua matança no dia dos pecadores. Um receptáculo deste tipo foi formado para as almas dos injustos, e dos pecadores; daqueles que cometeram crime, e se associaram aos ímpios, com os quais eles se assemelham. Suas almas não serão aniquiladas naquele dia de julgamento, nem se levantarão deste lugar. Então eu bendisse a Deus. (I Enoque 21:1-14)

No livro de Apocalipse, encontramos uma passagem que lembra o capítulo 21 de Enoque. Na passagem as almas dos que foram mortos injustamente, por causa do testemunho do evangelho, clamam a Deus por vingança e lhes é dito para aguardarem mais um pouco até o número de mártires completar-se:

Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram. (Ap 6:9-11)

Nos evangelhos, existem relatos que também apontam para o

capítulo 21 de Enoque. Um exemplo se encontra em Lucas capítulo 16:19-29 - parábola do rico e Lázaro. Jesus ensinou que após a morte existe uma separação entre os servos de Deus (na parábola o mendigo) e os ímpios (descrito na parábola como sendo o rico). Quando morreram, o mendigo foi para um lugar de deleite e o rico à região de tormento. O pensamento é muito semelhante ao do Livro dos vigilantes: separação entre justos e injustos, deleite dos justos e punição dos injustos.

Ora, havia certo homem rico que se vestia de púrpura e de linho finíssimo e que, todos os dias, se regalava esplendidamente. Havia também certo mendigo, chamado Lázaro, coberto de chagas, que jazia à porta daquele; e desejava alimentar-se das migalhas que caíam da mesa do rico; e até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. Aconteceu morrer o mendigo e ser levado pelos anjos para o seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado. No inferno, estando em tormentos, levantou os olhos e viu ao longe a Abraão e Lázaro no seu seio. Então, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim! E manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama. Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro igualmente, os males; agora, porém, aqui, ele está consolado; tu, em tormentos. E, além de tudo, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que querem passar daqui para vós outros não podem, nem os de lá passar para nós.

Após uma breve conversa com o sentinela Raguel, Enoque vê montanhas, uma ao Centro, provavelmente referindo-se a Jerusalém, sempre resplandecente, de pedras brilhantes, uma árvore de um cheiro agradável, mais cheirosa do que todas as outras, cuja folha não murchava, nem a sua flor. O seu fruto era belo e delicioso e continuamente exalava um perfume agradabilíssimo. Enoque pergunta sobre a árvore e Miguel responde que é uma árvore especial - a árvore da vida - a qual será dada ao Eleito (referência ao Messias) e dela poderão usufruir os santos.

Dali fui para outro lugar, e vi uma montanha de fogo que resplandecia de dia e de noite. Fui em direção a ela e percebi sete esplêndidas montanhas, as quais eram diferentes umas das outras. Suas pedras eram brilhantes e belas; todas eram brilhantes e esplêndidas à vista e formosa era sua superfície. Três montanhas estavam em direção ao leste, consolidadas e fortalecidas por estarem colocadas uma sobre a outra; três estavam em direção ao sul, consolidadas de maneira similar. Três eram igualmente vales profundos, os quais não se acercavam uma da outra. A sétima montanha estava no meio delas. Em comprimento elas todas se assemelhavam ao assento de um trono, e árvores odoríferas rodeavam-nas. Entre estas havia uma árvore de um odor incessante; nem daquelas que estavam no Éden, havia lá alguma, de todas as árvores de fragrância, que cheirava como esta. Suas folhas, suas flores, nunca ficam murchas, e seu fruto era belo. Seu fruto assemelhava-se ao cacho da palmeira. Eu exclamei: Vê! Esta árvore é vistosa de aspecto, agradável em suas folhas, e o aspecto de seus frutos é delicioso à vista. Então Miguel, um dos santos anjos que estava comigo, e um dos que presidem sobre elas, respondeu, e disse: Enoque, por que inquires a respeito do odor desta árvore? Por que estás inquisitivo para sabê-lo? Então eu, Enoque, respondi-lhe, e disse: Concernente a tudo eu estou desejoso de instrução, mas particularmente com respeito a esta árvore. Ele respondeu-me dizendo: A montanha que tu vês, o prolongamento da qual assemelha-se ao assento do Senhor, será o assento no qual se assentará o Santo e grande Senhor da glória, o eterno Rei, quando Ele virá e descerá para visitar a terra com bondade. E aquela árvore de agradável aroma, não de um odor carnal; lá ninguém terá poder para tocá-la até o tempo do grande julgamento. Quando todos serão punidos e consumidos para sempre; isto será conferido sobre os justos e humildes. O fruto da árvore será dado ao eleito. Pois em direção ao norte, vida será plantada no santo lugar, em direção à habitação do eterno Rei. Então eles se regozijarão grandemente e exultarão no Santo. O doce odor entrará em seus ossos; e eles viverão uma longa vida na terra como seus antepassados; em seus dias não haverá tristeza, angústia, aborrecimento e nem punição os afligirá. E eu abençoei o Senhor da glória, o eterno Rei, porque ele preparou esta árvore para os santos, formou-a, e declarou que Ele a daria para eles. (I Enoque 24)

Em Apocalipse de João, encontramos mais dois textos que, quando colocado em paralelo com Enoque 24, encontram-se várias semelhanças. Os textos dizem:

Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. (Ap 21:3-5)

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele. Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos. (Ap 22:1-5)

Quando comparados, fica notória a ideia de paz eterna. Ambos os textos falam de: uma árvore sagrada que abençoa aqueles que dela usufruem fruto da árvore, luz contínua, paz eterna, ausência de dor e morte, alegria eterna, presença de um Rei junto aos seus escolhidos (os santos), os vencedores.

O capítulo 25 de I Enoque é uma continuação da descrição da árvore do paraíso e da santa montanha, visitado por Enoque. Ele também vê um vale amaldiçoado. Ao questionar sobre o local, Uriel lhe diz que é o espaço destinado àqueles que não viveram em rebeldia ao Criador.

Espantado perguntei: O que significa esta terra abençoada, e todas estas altas árvores, e o vale amaldiçoado entre elas? Então Uriel, um dos santos anjos que estava comigo, respondeu: Este vale é o amaldiçoado dos amaldiçoados para sempre. Aqui serão reunidos todos os que pronunciaram com suas bocas linguagem imprópria contra Deus, e falaram rudes coisas da Sua glória. Aqui eles serão reunidos. Aqui será seu território. (1 Enoque 26:1-2)

Uma descrição aproximada é encontrada em Apocalipse 21:8:

Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

Enoque continua a sua viagem e visita vales, desertos e montanhas. Ele chega a um lugar com “vales de água que nunca param” (I Enoque 29:1). Em apocalipse podemos encontrar outra passagem de conteúdo semelhante:

Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. (Ap 22:1-2)

Após ver árvores e montanhas, ele enxerga uma árvore diferente. O anjo Rafael diz que aquela era a árvore do conhecimento do bem e do mal:

Seu perfume era agradável e sua aparência era tanto agradável quanto elegante. A árvore do conhecimento também estava ali, do qual se alguém comesse, tornava-se dotado de grande sabedoria. Ela era semelhante às espécies da tamareira, dando frutos semelhantes à uva extremamente fina, e sua fragrância estendia-se a considerável distância. Eu exclamei: Que bela é esta árvore e quão deleitável é sua aparência! Então o santo Rafael, um anjo que estava comigo, respondeu e disse: Esta é a árvore do conhecimento, da qual vosso antigo pai e vossa mãe comeram, os quais foram antes de ti e que obtendo conhecimento, seus olhos sendo abertos, e descobrindo que estavam nus, foram expulsos do jardim. (I Enoque 31:3-5)

As palavras finais de Enoque são de gratidão a Deus por todas as suas obras:

Quando as vi, levantei minha voz e louvei ao Senhor que Senhor da glória que tinha feito estes grandes e esplêndidos sinais, para que eles pudessem mostrar a magnificência de suas obras aos anjos e às almas dos homens, e para que estes pudessem glorificar todas as suas obras e operações, pudessem ver os efeitos do seu poder; pudessem glorificar o grande labor de suas mãos e abençoá-lo para sempre. (I Enoque 35:3)

7

PRESENÇA DA NARRATIVA DOS VIGILANTES NOS ESCRITOS JUDAICOS

Há uma vasta literatura judaica fazendo alusão à narrativa dos vigilantes. Nesta seção faremos menção de vários textos com o objetivo de ilustrar a presença marcante de I Enoque no Judaísmo intertestamentário. Um primeiro livro chama-se "O livro dos Jubileus", considerado uma produção do II século a.C. O escrito possui várias reminiscências do relato enoquita. A seguir veremos alguns fragmentos da obra:

E quando as filhas dos homens se multiplicaram sobre a face da terra, esposas se tornaram para eles, porque os anjos do Senhor viram, em certa era, nos dias daqueles Jubileus, que eram boas para olhar. E eles tomaram mulheres para eles mesmos de acordo com a escolha de cada um (Jub 5:1⁴)

Devido a fornicação dos vigilantes a qual, à parte das suas obrigações, praticaram com as filhas dos homens e tomaram para eles esposas de todas que escolhiam assim começou a impureza. Eles conceberam filhos... Gigantes mataram... Pecaram contra os animais da terra. (Jub 7:21-24)

No Testamento dos Doze Patriarcas (Sec. II a.C), mais precisamente no Testamento de Rubens 5:4-5 está escrito:⁵

De outra forma uma mulher nunca poderia subjugar um homem. Fugi

⁴ Fonte do texto: WINTERMUT. O. S. Jubilees. A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James H. The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. Tradução para o português: Kenner Terra.

⁵ Fonte do texto: KEE, H.C. Testaments of the Twelve Patriarchs. A New Translation and Introduction. In: The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. Tradução para o português: Kenner Terra.

da prostituta, meus filhos! Proibi vossas mulheres e vossas filhas de enfeitarem a cabeça e o rosto! Pois toda mulher que recorre a esses ardis atrai sobre si o castigo eterno. Foi dessa maneira que elas também enfeitaram os guardiões antes do dilúvio. Eles olhavam-nas constantemente, e assim conceberam o desejo por elas.

No Testamento de Naftali (presente no Testamento dos Doze Patriarcas), lemos que Naftali ordena os seus filhos a não mudarem a ordem da lei de Deus, segundo fizeram os vigilantes e usa como exemplo o sol, a lua e as estrelas que não mudam sua ordem:

Mas vós meus filhos não sejam como falarei:... Da mesma forma os vigilantes outrora subverteram a ordem da natureza; O Senhor acentuou e penalizou com o dilúvio. Por essa culpa o Senhor ordenou que a terra ficasse sem habitante ou fruto. (Test. de Naf. 3:5)⁶

Os Oráculos Sibilinos, livro que acredita-se ser de origem judaica datado a partir do segundo século a.C., também descreve imagens que estão em convergência com o Livro dos Vigilantes:

Estes estavam preocupados com atos justos, nobre atividade, orgulhosa honra e sabedoria inteligente. Eles tinham práticas habilidosas de todo tipo, descobriam invenções para suas necessidades. Um descobriu como cultivar a terra com arado, outro carpintaria, outro se ocupava com a navegação, outro astronomia e adivinhação pelos pássaros, outros medicina. Estes estavam preocupados com atos justos, nobre atividade, orgulhosa honra e sabedoria inteligente. novamente outro mágica. Cada um se ocupava com aquilo que lhes interessava. Vigilantes empreendedores, os quais receberam este apelo porque eles tinham uma mente inquieta. Eles eram poderosos, de grande estatura, mas, apesar disso, eles foram para a pavorosa casa do Tártaro, presos por correntes inquebráveis, para retribuir-lhes, o geena, do terrível e altíssimo eterno fogo. (Ora. Sib. 1:89-103)⁷

⁶ VANDERKAM, James C. Enoch, A Man for All Generations, p.147

⁷ Fonte do Texto: COLLINS, John J. Sibylline Oracles. A New Translation and Introduction. In: CHARLESWORTH, James H. The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. Tradução para o português: Kenner Terra.

O Documento de Damasco (CD), datado do séc. II a.C, é um importante documento contendo a memória do relato dos vigilantes. Ele faz uma citação direta à história dos sentinelas:

Agora pois filhos meus, escutai-me e eu abrirei vossos olhos para que vejais e compreendais as obras de Deus, para que escolhais aquilo que lhe compraz e rejeiteis o que odeia, para que caminheis perfeitamente por todos os seus caminhos e não vos deixeis arrastar pelos pensamentos da inclinação culpável e dos olhos luxuriosos. Pois muitos se extraviaram por estas coisas; heróis valorosos sucumbiram por sua causa desde tempos antigos até agora. Por ter caminhado na obstinação de seus corações os Vigilantes dos céus caíram; por ela se enredaram, pois não observaram os preceitos de Deus. O mesmo que caíram seus filhos cuja a altura era como a dos cedros e cujos corpos eram como montanhas. Toda carne que havia na terra seca pereceu e foi como que não houvera existido, por ter feito seus caprichos e não ter observado os preceitos de seu Criador até que sua ira se acendeu contra eles. (CD-A, Col. II: 14-21)⁸

O documento conhecido como “Período da Criação” possui o seguinte conteúdo referente a narrativa dos vigilantes:

Interpretação sobre Azazel e os Anjos que foram às filhas dos homens e geraram delas gigantes. E sobre Azazel que os extraviou no erro para amar a iniquidade e para fazê-los herdar a maldade todos os seus períodos, para a destruição pelo zelo dos juízos e o juízo do conselho de... (4Q180 Frag. 1:1-10)⁹

Na sequência trazemos o livro de II Baruc. A destruição de Jerusalém em 587 a.C. é datada por este apocalipse como a ocasião de sua escrita. Porém, segundo o Apocalipse siríaco de Baruc, o texto é uma redação posterior à queda do Templo em 70 d.C. O texto em

⁸ COLLINS, J. J. Seers, Sibyls and Sages in Hellenistic-Roman Judaism. p. 291.

⁹ GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino e TIGCHELAAR, Eibert J. C. The Dead Sea Scrolls Study Edition. Vol.1. Leiden/Boston/Kön/Grand Rapids/ Cambridge, Brill/Eerdmans, 2000. Tradução para o português: Kenner Terra.

apreço se encontra em 2 Baruc 56:7-10:

O que poderia, porém, ser mais tenebroso e hediondo que estas coisas? Esse é o princípio das águas negras que você viu, e dessas águas negras novamente a escuridão nasceu, e uma escuridão muito escura se originou. E para aquela que já era um perigo para si foi também um perigo para os anjos. Porque eles foram criados naquele tempo com livre arbítrio. E alguns deles desceram e se misturaram com mulheres.

Naquele tempo os que agiram desta maneira foram atormentados em prisões. Contudo o restante da multidão dos anjos, inumeráveis, contiveram-se. E os que viviam sobre a terra pereceram juntamente por meio das águas do dilúvio.¹⁰

O Livro de II Enoque -um relato dependente de I Enoque- também traz a presença da crença nos sentinelas, porém com uma mudança de nomes em alguns personagens. Os vigilantes são chamados de Grigori, e o líder dos anjos na rebelião de Satanael:

Por que estão tão tristes e seus rostos tão compungidos e suas bocas taciturnas e por que não há serviço neste céu? E me responderam os dois varões: Estes são os Grigori que se apostataram do Senhor – Duzentos miríades no total – juntamente com o seu príncipe Satanael, e os que seguiram seus passos se encontram agora acorrentados numa esfera negra no segundo céu. Estes são os que desceram do trono do Senhor para terra, um lugar chamado Hermom, onde fizeram a promessa em cima do monte Hermom, manchando a terra com suas transgressões. As filhas dos homens cometeram muitas abominações em todas as épocas deste século, violando as leis, misturando-se com eles e gerando os grandes gigantes, os monstros e a grande iniquidade. E por esta razão o Senhor os condenou em um grande juízo, enquanto eles choram por seus irmãos e esperam sua confusão no grande dia do Senhor. Então disse aos Grigori: Eu vi seus irmãos e suas obras, seus tormentos e suas orações; eu roguei também por eles, mas Deus os condenou a estarem debaixo da terra até o fim da terra e céu para sempre. (2 Enoque 7:4-10)¹¹

¹⁰ KLIJN, A. F. J. 2 (Syriac Apocalypse of) Baruch... p. 641

¹¹ OTERO, A. Santos. Livro de Los Secretos de Henoc (Henoc estavo)... p. 169. Na

O Livro dos Sonhos (um dos cinco livros presentes em I Enoque) traz uma referência à narrativa dos vigilantes. Neste, a história do mundo é dividida em três partes, podendo ser assim agrupadas: da criação ao juízo diluviano (I Enoque 85-88); a era pós-diluviana (I Enoque 89); e o julgamento final e seus desdobramentos (I Enoque 90).

No escrito é notório o uso da figura dos animais e de estrelas para representar os personagens da trama. Segundo Araújo (2009, p.13), os vigilantes são apresentados como estrelas decaídas, os seres humanos como gado (bezerra ou vaca; mulheres e touros; homens ou vigilantes caídos) e os gigantes como sendo camelos, elefantes e asnos.

O livro descreve que a primeira estrela a cair foi Azazel. Na sequência, outras estrelas o seguem e juntas com ele tornam-se touros que procuram as bezerras, gerando camelos, elefantes e asnos (gigantes). Esta nova espécie torna-se fonte de medo e terror para a humanidade que é consumida antes de devorarem uns aos outros. A seguir, Enoque é levado aos céus onde poderá testemunhar o julgamento e o destino dos vigilantes, dos gigantes e da humanidade.

Os documentos achados em Qumran são de grande importância para respaldar a influência do Livro dos Vigilantes no pensamento judaico e cristão da época. Percebe-se que a influência de Enoque em Qumran é evidente pela grande quantidade de escritos que os qumranitas utilizaram provenientes de I Enoque. (ARAÚJO, 2009, p17)

Segundo Nickelsburg (2001, p.77), a grande proliferação de textos relacionados ao escrito de I Enoque, em parte, é fruto da apreciação e autoridade que este texto possuía sobre os membros da apreciação e autoridade que este texto possuía sobre os membros da comunidade de Qumran, provando ser I Enoque uma narrativa de grande influências naquele período histórico.

Na tabela, a seguir, apresentaremos 4 trechos de três documen-

tradução do OTP o texto está referenciado em 18:1-7. Cf. ANDERSEN, F.I.2 (Slavonic Apocalypse of) Enoch...p. 131-132. Tradução para o português: Kenner Terra.

tos encontrados em Qumran (foram descobertos 21 manuscritos aproximadamente) que fazem menção a história dos vigilantes citados por Martinez (1995):

Tabela 2: Documentos de Qumran

4Q180 Frag. 1,7-10:	“Interpretação sobre Azazel e os anjos que foram às filhas de homem e geraram gigantes. E sobre Azazel que os extraviou no erro para amar a iniquidade e para fazê-los herdar a maldade todos os seus períodos.”
1QapGn Col.II,1-2: 1QapGn Col.II,12-17:	“Eis que então pensei em meu coração que a concepção era obra dos vigilantes, e a gravidez dos Santos, e pertencia aos gigantes.” “Quando percebeu Bitenos, minha mulher, que se havia mudado meu semblante, então ela reprimiu sua ira, falando-me e dizendo-me: Oh meu senhor e irmão... eu te juro pelo Grande Santo, pelo Rei dos céus... que de ti vem esta semente, de ti vem esta gravidez, de ti vem a semente deste fruto, e não de nenhum estrangeiro, nem vigilante...”
1Q23 frag. 8:1-14:	“Cópia da segunda tabuinha da epístola escrita pela mão de Enoque, o escriba distinto e santo, a Shemiaza e a todos os seus companheiros... elas e seus filhos e as mulheres de seus filhos por vossa prostituição na terra. Suceder-vos-á... e vos acusa a vós pelas obras e vossos filhos a corrupção com a qual tendes corrompido... até a vinda de Rafael. Eis que haverá destruição... os que há nos desertos e os que há nos mares.”

8

O DISCURSO ANGELOLÓGICO CRISTÃO NA HISTÓRIA

O presente capítulo propõe-se a apresentar, em uma perspectiva histórica, a crença angelical cristã. Abordamos os principais pontos teológicos, sem a preocupação de esgotar o assunto. Deu-se mais ênfase no discurso da atualidade e no dos primórdios do cristianismo.

Abordamos o assunto de uma maneira decrescente, ou seja, iniciamos a pesquisa partindo dos nossos dias em direção ao passado primitivo da crença. O ponto de partida para a compreensão é o discurso teológico atual, culminando com a interpretação que os Pais da Igreja possuíam. Procuramos abordar pontos distintos da crença, principalmente aqueles ligados ao Livro dos Vigilantes. Discorreremos sobre assuntos como: origem dos anjos; características dos anjos; atividades dos anjos; capacidade angelical; queda de anjos; características dos demônios; o uso do véu no contexto paulino; uso do livro de I Enoque no cristianismo primitivo.

Angelologia na Idade Contemporânea

O período histórico, denominado Idade Contemporânea, tem seu início com a Revolução Francesa e vai até os nossos dias. Atualmente, a teologia geralmente considera os anjos como espíritos puros. Porém, existem aqueles que defendem a ideia de que os anjos possuem algum tipo especial de corpo. (BERKHOF, 2001, p. 132)

Segundo Berkhof (2001, p. 132), teólogos como Swedenborg sustentavam que todos os anjos eram originalmente homens e existiam em forma corporal. Para ele sua posição no mundo angelical dependia de sua postura neste mundo. É uma espécie de teoria da reencarnação invertida. Tal pensamento gera o entendimento de que os

anjos são seres criados posteriormente aos homens, uma vez que seria necessário um ser humano morrer para que um anjo viesse a existir.

Nesse momento, também, entrou em cena a negação da crença na existência de anjos. O racionalismo no século XVIII influenciou vários teólogos e gerou uma nova teologia que é conhecida como teologia liberal que rompe com o ortodoxismo. A crença foi explicada como um produto da acomodação de teólogos que não estavam dispostos a serem mais racionais no seu pensamento. Segundo Berkhof (2001, p. 132), alguns teólogos da modernidade consideram que o importante é reter o simbolismo presente na crença que, segundo eles, aponta para o cuidado protetor de Deus.

Mesmo com a influência do racionalismo, a crença na existência literal de anjos continua dominando o pensamento de grande parte dos teólogos. A seguir, discutiremos, em maior profundidade, várias crenças angelológicas que fazem parte da crença da maioria dos cristãos na atualidade.

Terminologia, origem e natureza dos anjos

A principal palavra referente a anjo em hebraico é “*mal’ach*” (מַלְאָךְ), no latim é “*angelus*” e no grego “*áγγελos*” (ἄγγελος). Em todos os casos seu significado essencial é “mensageiro”. Quando o termo é empregado pode tanto referir-se a mensageiros humanos quanto a seres angelicais. Para os teólogos cristãos, a palavra aponta para a função primordial dos mesmos: comunicar mensagens divinas aos seres humanos. (ERICKSON, 1997, p.194).

Segundo Erickson (1997, p.194), os anjos também são chamados na Bíblia de “santos” e “vigilantes”. Quando o tratamento é coletivo são chamados de “conselho”, “assembleia”, “filhos de Deus”, “exército” ou “exércitos”, “milícia celestial”, “espíritos”, “principados”, “poderes”, “tronos”, “domínio” e “soberanias”. Outro termo utilizado é “arcanjo”, indicando um tipo especial de anjo. A seguir apresentare-

mos uma tabela contendo as principais terminologias bíblicas referentes a anjos com suas respectivas referências:

Tabela 3:Títulos dos anjos

Filhos de Deus	Jó 1.6; 2.1; Sl 29.1; 89.6
Espíritos	Hb 1.14
Santos	Zc 14.5 Lc 9.26
Vigilantes	Dn 4.13, 17
Querubins	Gn 3.24; Sl 18.10; Ex 25.22
Serafins	Is 6.2-7
Estrelas da alva	Jó 38.7
Legiões celestes	Sl 148.2
Seres viventes	Ez 1.5-14; Ap 4.6-8
Anciãos	Ap 4.4

Fonte da Tabela: Autor

Grudem (1999, p.323) relata que os anjos não possuem uma origem eterna. Eles integram o universo criado por Deus. Ele cita o texto de Neemias 9:6 interpretando a palavra “exércitos” como anjos para referenciar sua afirmação. O texto diz: *“Só tu és Senhor, tu fizeste o céu, o céu dos céus e todo o seu exército, a terra e tudo quando nela há, os mares e tudo quanto há neles; e tu os preservas a todos com vida, e o exército dos céus te adora”*.

Outro texto bíblico, enfatizando a criação dos seres angelicais é Colossenses 1:16:

Pois nele (Cristo), foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.

Myer Pearlman (2006, p.67) escreve:

Os anjos são criaturas, isto é, seres criados. Foram feitos do nada pelo poder de Deus. Não conhecemos a época exata de sua criação, porém sabemos que antes que aparecesse o homem, já eles existiam havia muito tempo, e que a rebelião daqueles sob Satanás se havia registrado, deixando duas classes — os anjos bons e os anjos maus.

Entre a maioria dos teólogos há um consenso de que os anjos são seres espirituais, etéreos, criados para servirem a Deus. Esta afirmação indica a inferioridade dos mesmos em relação a Deus, enfatizando o dever de obedecerem ao seu Criador. Os judeus e cristãos a tempos ensinam que tais seres são imateriais ou espirituais. (ERICKSON, 1997, p.194).

Erickson (1997, p.195) afirma que há uma enorme quantidade de anjos. Às vezes, fala-se na Bíblia de “miríades”, outras vezes de “milhares de milhares”, “incontáveis hostes de anjos”, “milhões de milhões”. Porém, não se deve considerar qualquer número desses como exato, dado ao seu caráter simbólico, antes, entendê-los como indicações que apontam para uma gigantesca quantidade deles.

Satanás é descrito como anjo, porém rebelou-se contra Deus, tornando-se um anjo caído. A palavra Satanás em hebraico é Satã (שָׁטָן) e no grego Diábolos (διάβολος), significando adversário ou acusador. A ideia é de alguém que é hostil e se satisfaz em acusar. Diz respeito a um ser opositor à vontade de Deus e líder dos demônios. Uma das ideias gregas para a palavra demônio é “fonte de ódio”. Estes, por sua vez, também são percebidos como anjos, seres sobrenaturais, que foram expulsos do céu ao se juntarem a Satanás, tornando-se subservientes dele, na rebelião contra Deus. (SPROUL, 2006, p.37)

Grudem (1999, p.326) diz que os anjos foram criados antes do sétimo dia da criação. Ele pontua sua posição no texto de Gênesis 2:1 que diz: “Assim pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército (anjos)” e, então, ao sétimo dia, Deus descansou. Outro texto que o mesmo faz uso é Êxodo 20:11: “Em seis dias, fez o Senhor os céus (inclu-

indo os seres celestes) e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia descansou”.

Ele também defende a tese de que os anjos foram criados no primeiro dia, justificando sua suposição na interpretação dos textos de Gênesis 1:1-2 e Jó 38:6-7:

Talvez haja uma sugestão de criação de seres angélicos já no primeiro dia, pois lemos que ‘No princípio, criou Deus os céus e a terra’ e imediatamente depois lemos que: A terra, porém, estava sem forma e vazia, sem menção dos céus nesse segundo versículo. Isso sugere, quem sabe, que o estado inabitável da terra esteja em contraste com os céus, onde, talvez, Deus já criara seres angélicos e lhes atribuíram diversas funções e hierarquias. Esta idéia fica mais plausível quando lemos que “as estrelas da alva, juntas, alegremente cantavam e rejubilavam todos os filhos de Deus quando Deus assentou a “pedra angular” da terra e fundou as suas “bases” para formá-la ou criá-la.

Pearlman (2006, p.67) diz que os anjos são criaturas imortais. A sua afirmação pauta-se no texto bíblico de Lucas 20:34-36, em que Jesus explica aos saduceus que os servos de Deus, ressuscitados, serão como os anjos, no sentido de que não mais morrerão e não precisarão perpetuar a espécie humana.

Então, lhes acrescentou Jesus: Os filhos deste mundo casam-se e dão-se em casamento; mas os que são havidos por dignos de alcançar a era vindoura e a ressurreição dentre os mortos não casam, nem se dão em casamento. Pois não podem mais morrer, porque são iguais aos anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.

Os anjos também apresentam-se como varões. Todas as descrições dos mesmos apontam para o sexo masculino. Os nomes que lhes são atribuídos são masculinos. Suas materializações sempre foram descritas como de homens. Porém, não se pode dizer que são homens, posto que são seres espirituais. (PEARLMAN, 2006, p. 68)

Nomes, atividades e capacidades dos anjos

Apesar de várias vezes haver relatos sobre anjos nos livros bíblicos, pouco se comenta acerca de seus nomes. Um primeiro nome que encontramos é Miguel, registrado no livro de Daniel 10:13. Anunciado como *“um dos primeiros príncipes”*, um arcanjo (Jd 9). Outro nome é o de Gabriel. Ele identifica-se a Maria falando que é um anjo que assiste diante de Deus (Lc 1:19). Um terceiro e último nome é Rafael que aparece no livro de Tobias no cânon católico.

Os anjos são reconhecidos como seres pessoais, dotados de inteligência, vontade e moral. Também possuem a capacidade de integrar-se com humanos. Erickson (1997, p.195) descreve a atividade dos anjos da seguinte maneira:

“Os anjos bons louvam continuamente a Deus, comunicam-nos sua mensagem, ministram aos servos de Deus, executam julgamento sobre os inimigos de Deus e participarão da segunda vinda de Cristo.”

Eles possuem conhecimento acima do humano, mas tal conhecimento não é ilimitado. Eles possuem grande conhecimento mas não onisciência, possuem um grande poder sobre-humano, mas não onipotência. Este grande poder tem sua origem em Deus (tirar vírgula) e os anjos dependem de Sua vontade para exercê-lo. A atividade dos mesmos restringe-se aos limites por Deus determinados. São, portanto, seres finitos. A mesma ideia também se aplica aos anjos maus. (ERICKSON, 1997, p.195).

Grudem (1999, p.326) também defende o pensamento de que os anjos e demônios são criaturas mais poderosas que os humanos, porém tal condição é temporal. Ou seja, os servos de Deus um dia gozarão de um estado superior aos dos anjos. Esta elevação acontecerá por ocasião do advento de Jesus Cristo.

Algumas das atividades angelicais numeradas por Erickson são: louvam continuamente a Deus; revelam e comunicam a mensa-

gem de Deus aos humanos; atuam em favor dos servos de Deus, protegendo-os; estão envolvidos em batalhas espirituais em favor do povo de Deus contra demônios; alegram-se quando pecadores se rendem ao senhorio de Jesus; servem ao povo de Deus em suas necessidades; são expectadores da vida dos servos de Deus; estão presentes na igreja; transportam os servos de Deus para um lugar de descanso quando morrem; executam julgamento contra os inimigos de Deus; estarão envolvidos na segunda vinda de Cristo; separarão o povo de Deus dentre toda a raça humana por ocasião do juízo final. (ERICKSON, 1997, p.196).

Para Grudem (1999, p.327), os anjos revelam a grandeza do amor e dos desígnios de Deus para seu povo, pois uma de suas funções é cuidar da família de Deus na terra. Eles também lembram que o mundo invisível é real e são exemplo para humanos, uma vez que estão, continuamente, obedecendo a Deus. Também alertam para o perigo da desobediência, uma vez que parte deles serão punidos eternamente por causa de sua desobediência.

Grudem propõe que os cristãos devem viver todos os dias conscientes da presença dos anjos. Eles estão presentes quando se cultua a Deus, mas também estão continuamente, observando nossa obediência a Deus, ou seja, não existe pecado secreto. Se as ações dos cristãos não ofendem ninguém, provavelmente ofendem os anjos que anseiam em ver o nome de Deus honrado através de atitudes corretas. (GRUDEM, 1999, p.331)

Há livros bíblicos que falam de aparições de anjos. Tal capacidade é chamada de materialização. Um dos episódios bíblicos que afirma esta transformação encontra-se em Gênesis capítulo 18, em que dois anjos acompanham Deus em um encontro com Abraão. A narrativa mostra que os mesmos se alimentaram com Abraão antes de seguirem viagem.

Vários cristãos acreditam que, na atualidade, anjos aparecem quando enviados por Deus para transmitir alguma mensagem. A Bí-

blia também ensina que os servos de Deus devem ser hospitaleiros, pois podem receber anjos em suas casas: *“Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos”* (Hb 13:2). Também aponta para a possibilidade da aparição de seres caídos em forma de anjos de luz: *“E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.”* (II Co 11:14).

Anjos da guarda

A crença na existência de anjos e no papel que exercem como protetores dos cristãos, sempre foi comum entre os adeptos do cristianismo. Porém, atualmente, a maioria dos teólogos rejeitam a crença na existência de anjos que responsabilizam-se, exclusivamente, por determinado indivíduo ou determinado grupos de indivíduos, popularmente conhecidos como anjos da guarda. É comum encontrarmos posturas teológicas rejeitando a proteção individual dos anjos. Grudem (1999, p. 325) diz:

Mas algumas pessoas foram além dessa idéia de proteção geral e perguntaram se Deus não concede um anjo da guarda para cada pessoa do mundo, ou pelo menos para cada cristão... Não parece haver, portanto, fundamento convincente para a idéia de anjos da guarda individuais no texto das Escrituras.

A crença na existência de anjos com responsabilidades individuais fazia parte do pensamento popular dos judeus na época de Jesus. Tal pensamento foi transferido para o cristianismo. Dois textos bíblicos são citados para defender este posicionamento.

O primeiro encontra-se em Mateus 18 versículo 10. Jesus disse: *“Vede não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus, vêem incessantemente a face de meu Pai celeste.”*

O outro texto é Atos 12:15. Quando a criada, Rode, disse aos outros na casa que Pedro estava junto ao portão, disseram: *“É seu an-*

jo". (MACLEAN, 1916, p.60)

Território dos anjos

Segundo Myer Pearlman (2006, p.69) não se deve pensar que eles são seres soltos no espaço. Ele defende o pensamento de que existem anjos que são responsáveis por territórios específicos. A ideia é que cada nação tem seu anjo protetor, interessado em seu bem-estar.

Outra crença é que, da mesma forma que existem anjos bons que atuam em determinadas regiões, também existem anjos maus que são responsáveis por regiões específicas. Um dos textos bíblicos usados para apoiar esta reflexão é Daniel 10:13: *"Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia."* A interpretação geral é que o "príncipe" (provavelmente aquele que lidera um principado de anjos) se refere a um anjo caído, que dificultava o regresso dos judeus do cativeiro.

Na narrativa bíblica no livro de Daniel 9, quando Daniel estava orando pelo retorno de seu povo do cativeiro babilônico, após três semanas, um anjo apareceu e deu-lhe como satisfação da demora o fato de que o príncipe ou anjo da Pérsia, ter se oposto ao retorno dos judeus. Porém, Miguel, o príncipe da nação hebraica, pelejou contra ele e contra o príncipe da Grécia (Dn. 10:21). Para os cristãos, esta peleja é entendida como guerra espiritual e tem influências diretas no plano material. A palavra no Novo Testamento "principados" pode referir-se a esses príncipes angelicais das nações e o termo é usado tanto para os anjos bons como para os maus. (PEARLMAN, 2006, p.69)

O Anjo do Senhor e o Príncipe do Exército do Senhor

No Antigo Testamento, encontram-se várias passagens referindo-se ao anjo do Senhor. O posicionamento teológico comum é que se

trata de aparições de Jesus, ou seja, teofanias. Sempre que o artigo “o” aparece antes de anjo, formando a frase “o anjo do Senhor” a interpretação da maioria dos teólogos é que ele refere-se a Deus, mais precisamente à pessoa de Jesus Cristo. (GRUDEM, 1999, p.326)

Quando o Anjo do Senhor aparecia, a declaração daqueles que o viam era de alguém que tinha contemplado o próprio Deus.

O texto de Gênesis 31:11-13, registra a seguinte declaração do Anjo do Senhor a Jacó em sonho: *“Eu sou o Deus de Betel, onde ungiste uma coluna, onde me fizestes um voto.”*

Outro texto afirmando este pensamento é Êxodo 3:2-6, referente ao episódio em que o Anjo do Senhor aparece a Moisés em uma sarça: *“Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”.*

Neste diálogo chega um momento em que Moisés pergunta como ele tem que responder ao povo quando perguntarem sobre o nome daquele que o enviou. Então, o anjo do Senhor diz: *“assim dirás aos filhos de Israel: Eu sou me enviou a vós outros”* (Ex 3:14). No Novo Testamento encontra-se uma narrativa em que Jesus dialogava com os líderes do templo e afirmou que o “Eu Sou” presente nas escrituras judaicas era ele: *“Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade eu vos digo: antes que Abraão existisse, Eu Sou. Então, pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo.”* (Jo 8:58-59). Com base nesta conexão se entende que o Anjo do Senhor é a pessoa de Jesus Cristo.

Outra percepção acerca de Jesus no Velho Testamento acontece na forma de Príncipe do Exército do Senhor. No texto de Josué 5:13-15, lemos que Josué adorou o Príncipe do Exército do Senhor. Nenhum anjo permitia ser adorado nos relatos bíblicos. Quando isso acontecia a interpretação para esses casos é que era uma manifestação do próprio Deus, atribuindo tal manifestação a Jesus:

Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; eis que se acha-

va em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos adversários? Respondeu ele: Não; sou príncipe do exército do Senhor e acabo de chegar. Então, Josué se prostrou com o rosto em terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo? Respondeu o príncipe do exército do Senhor a Josué: Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.

Relacionamento com os anjos

Fundamentado no texto bíblico de Apocalipse 19:10, no qual apresenta-se a recusa de um anjo em receber adoração do apóstolo João, grande parte dos teólogos se posiciona contrária à busca por se desenvolver uma relação mais pessoal com anjos, no sentido de invocá-los, cultuá-los ou mesmo dirigir orações a eles. O texto diz:

Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.

A Bíblia relata a prática de se cultuar anjos, a qual os cristãos de Colossos tiveram contato (Cl 2:18). Porém, tal comportamento foi reprovado pelo apóstolo Paulo.

História e atividades dos demônios

A visão popular do diabo é de um monstro possuidor de chifres, pés de cabra, de aparência horrível. Esta percepção é fruto da caricatura que os teólogos desenvolveram na Idade Média.

De acordo com a Bíblia, Satanás foi originalmente Lúcifer (literalmente, “o que leva luz”), o mais glorioso dos anjos. Mas ele, orgulhosamente, aspirou ser como o Altíssimo e caiu do seu estado de glória. (PEARLMAN, 2006, p.72)

Há um grande número de teólogos, atualmente, ensinando sobre a queda de Satanás fundamentando-se em dois textos: Isaías 14 e Ezequiel 28. Acredita-se que nesses textos o profeta Ezequiel menciona o orgulho de duas grandes potências de sua época, Babilônia e Tiro, para ilustrar a queda de Satanás. A ideia é que tais nações cairiam por causa do orgulho, à semelhança do Diabo. Segundo Pearlman (2006, 72), alguns reis da Babilônia e Tiro reivindicaram adoração como seres divinos, o que seria uma blasfêmia contra Deus.

A narrativa de Ezequiel 14 continua descrevendo a queda do anjo rebelde: “Eu serei igual a Deus.” Se Deus castigou o orgulho desse anjo de tão alta categoria, como deixaria de julgar a quaisquer reis que se atrevessem a reivindicar, em seu íntimo, o lugar de soberania do Criador? Será que eles ficariam impunes?

Esta é a ideia proposta por Ezequiel. Como castigo por sua maldade, Satanás foi lançado fora do céu, juntamente com um grupo de anjos, a terça parte deles, que assumiram o risco de segui-lo. (PEARLMAN, 2006, p.73)

O principal líder dos demônios é chamado por diversos nomes na Bíblia. A seguir algumas identificações e respectivos significados:

Tabela 4: Nomes Satânicos 1

Satanás	Literalmente significa "adversário" e descreve seus intentos maliciosos e persistentes de obstruir os propósitos de Deus.
Diabo	Diabo significa "caluniador". Ele é aquele que busca caluniar tanto a Deus como os homens.
“Apollyon” (grego) e “Abaddon” (hebraico)	Destruidor. Aponta para o ódio contra o Criador, suas obras e desejo de destruí-las, bem como para o intento de destruir a vida dos homens.
Serpente	Aponta para sua sagacidade.

Tentador	Indica seu intento malicioso de atrair os seres humanos para ciladas.
Príncipe e deus deste mundo	Sugere sua influência sobre a sociedade organizada fora ou à parte da influência da vontade de Deus.

Fonte da Tabela: Autor

Outros títulos que lhe são atribuídos encontram-se nas seguintes referências bíblicas de acordo com a próxima tabela:

Tabela 5: Nomes do Diabo 2

Diabo	I Pe 5.8
Tentador	Mt 4.3; I Ts 3.5
Belzebu (senhor das moscas)	Mt 12.24
Inimigo	Mt 13.39
Maligno	Mt 13.19
Adversário	I Pe 5.8
O grande dragão	Ap 12.9
Serpente	Ap 12.9
Sedutor	Ap 12.9
Satanás	Ap 12.9
Pai da mentira	Jo 8.44
Homicida	Jo 8.44
Pecador	I Jo 3.8
Príncipe deste mundo	Jo 12.31
Príncipe da potestade do ar	Ef 2.2
Deus deste século	II Co 4.4
O anjo do abismo	Ap 9.11
Destruidor	Ap 9.11

Fonte da Tabela: Autor

Satanás e os demônios são identificados pela teologia como seres que atuam no intuito de atrapalhar os planos dos servos de Deus (I

Ts 2:18);

- Opõem-se à pregação do evangelho (Mt 13:19);
- Dominam, cegam e enganam (Lc 22:3; II Co 4:4; I Tm 3:7);
- Afligem (Jo 1:12);
- Tentam (I Ts. 3:5).

De acordo com Pearlman (2006, p.75). Eles são descritos como:

- Presunçosos (Mt 4:4, 5);
- Orgulhosos (I Tm. 3:6);
- Poderosos (Ef 2:2);
- Malignos (Jo 2:4);
- Astutos (Gn. 3:1; II Co 11:3);
- Enganadores (Ef 6:11);
- Ferozes e cruéis (I Pd 5:8).

Mas qual o porquê de tanto ódio? Pearlman (2006, p.75) responde:

Ele aborrece a imagem de Deus presente em nós. Odeia até mesmo a natureza humana que possuímos, com a qual se revestiu o Filho de Deus. Odeia a glória externa de Deus, para a promoção da qual o povo de Deus foi criado. Odeia a felicidade eterna reservada para os servos de Deus, porque ele mesmo a perdeu para sempre. Ele tem ódio do povo de Deus por mil razões e de nós tem inveja. Assim disse um antigo escriba judeu: Pela inveja do diabo veio a morte ao mundo: e os que o seguem estão a seu lado.

Ao mesmo tempo que os cristãos reconhecem que Satanás e os demônios são fortes, também entendem que eles são limitados e inferiores a Deus. Para que estes seres possam fazer quaisquer ações prejudiciais em relação aos servos de Deus, é necessário que tenham a permissão do próprio Deus. Caso Ele permita que acontecimentos sombrios tornem-se realidade é porque tem projetos mais elevados e que estão fora do nosso alcance e de Satanás. O exemplo usado para respaldar esta afirmação é a vida do personagem bíblico chamado Jó.

Os cristãos acreditam haver várias atividades relacionadas à ação destes seres. A seguir, catalogamos algumas consideradas principais, tomando-se como base a Bíblia:

Tabela 6: Comportamento dos demônios

Armar ciladas	I Tm 3.7
Infligir doenças	Mc 9.17, Mc 9.25, Mt 12.22, Lc 9.39
Tentar os seres humanos	Gn 3.1-6
Causar dor e sofrimento	At 10.38
Matar	Hb 2.14
Colocar maus propósitos no coração	Jo 13.2; At 5.3
Possuir pessoas que não sirvam a Deus	Jo 13.27
Colocar falsos servos entre o povo de Deus	Mt 13.39
Afligir os servos de Deus	Ap 2.10; Lc 22.31 (Am 9.9)
Tentar impedir a realização de planos	1Ts 2.18
Acusar os servos	Ap 12.10

Fonte da Tabela: Autor

Para os cristãos, a derrota dos demônios é uma realidade, ocorrida por ocasião do sacrifício de Cristo Jesus. O apóstolo Paulo, referindo-se a esta crença escreveu: *“E, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.”* (Cl 2.15). Ainda que creiamos assim, entendemos que estamos em guerra contra inimigos derrotados e que não se rendem. Pelo contrário, continuam a atacar, pois são seres “patriotas”.

Uma das expectativas cristãs é o dia do juízo final. Na Bíblia, ele é retratado como um momento em que Satanás e seus demônios serão punidos eternamente. Porém, enquanto este dia não chega os cristãos são desafiados a lutar contra estes seres espirituais, conduzindo suas vidas conforme o ensino de Cristo em Marcos 14:38: *“Vigiai e*

orai, para que não entreis em tentação” e praticando o ensino paulino contido em Efésios 6:10-18:

Quanto ao mais, sedes fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis. Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; embracando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos.

Angelologia na Idade Moderna

A tradição histórica estabelece o início da Idade Moderna no ano de 1453, quando ocorreu a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos e o seu fim no ano 1789 com o advento da Revolução Francesa. Neste período, precisamente em 1516, aconteceu a Reforma Protestante, que é um dos marcos na história do cristianismo. Embora o movimento tenha revisto várias doutrinas cristãs -principalmente na soteriologia-, em relação à angelologia, a crença é bem próxima da angelologia contemporânea, não havendo nenhuma diferença significativa.

Os teólogos daquele período defendiam que os anjos possuíam ministérios e que Satanás junto com demônios, agiam no mundo no sentido de prejudicar os seres humanos. Porém, estavam debaixo do controle divino, ou seja, às vezes agiam em um sentido de cumprir propósitos divinos, não podendo ultrapassar limites impostos por Deus. (BERKHOF, 2001, p. 132)

Os anjos eram percebidos como seres espirituais puros, mas alguns também defendiam o pensamento de que possuíam corpos etéreos. Quanto à obra que os anjos bons realizavam, a crença geral era que os anjos trabalhavam no sentido de atender os herdeiros da salvação. Em relação à crença em anjos da guarda, não havia acordo geral. Alguns defendiam esta ideia, outros eram contra e havia aqueles que não se pronunciavam sobre o assunto.

Angelologia na Idade Média

A Idade Média foi um momento histórico com forte ênfase em questões de cunho angelológico e demonológico. A arte produzida na época é uma prova substancial do que permeava o imaginário naquele período histórico. Há diversos quadros, gravuras e esculturas em que se retratam figuras de anjos e demônios, sempre apresentados em uma perspectiva dualista.

O principal nome daquele período foi Tomás de Aquino. Nascido em 1225, tornou-se frade dominicano e estudou em Paris. Seu pensamento foi fortemente influenciado por Aristóteles. Aquino a escreveu, no intuito de demonstrar que a fé cristã é defensável, plausível e inteligível. Ficou conhecido como “doutor angélico”, por ser um dos maiores expoentes da temática naquele período. Morreu aos 49 anos, deixando um legado escrito que soma mais de cem volumes. (GRABMANN, 2006, p.2)

Tomás de Aquino, no princípio de seu estudo sobre os anjos, foi contrário à teoria de que os anjos possuíam uma “matéria espiritual”. Isso causou polêmica, levando-o a ser condenado como herege pelo Bispo de Paris, Étienne Tempier. Posteriormente, defendeu que todos os seres criados são necessariamente contingentes e compostos. Afirmou que os anjos possuíam matéria e forma, porém, como todas as criaturas, também tinham essência e existência. (ALARCÓN, 2006, 301)

A crença em anjos como possuidores de corpos etéreos também foi sustentada. Mas, a opinião dominante era que eles eram seres incorpóreos. As aparições angelicais explicavam-se como sendo manifestações corpóreas temporárias adotadas por anjos no intuito de estabelecer uma comunicação com os humanos. Naquela época, discutia-se bastante acerca de quando os anjos foram criados, predominando a posição de que foram criados ao mesmo tempo da criação do universo material.

Debateu-se acerca da origem dos anjos, se foram ou não criados em um estado de graça, sendo que a opinião da maioria era que foram criados em um estado de perfeição natural. Discussões embasadas em questões do tipo “será que os anjos podem ocupar o mesmo lugar no espaço?” também eram comuns. A opinião da maioria era que eles só ocupariam um lugar no espaço. Porém, esta ocupação não se dava da mesma forma dos corpos materiais, uma vez que os seres angelicais estão noutra dimensão (BERKHOF, 2001, p.132).

Conquanto se defendesse que o conhecimento dos anjos fosse limitado, todos criam que este conhecimento era infuso, ou seja, foram implantados por Deus no ato da criação dos mesmos. Alguns criam, como Tomás de Aquino, que tal conhecimento era apenas intuitivo, enquanto outros afirmavam que os conhecimentos dos anjos eram discursivos e poderiam ampliar-se na história. A crença na existência do anjo da guarda também se fortaleceu bastante na Idade Média.

Angelologia no Cristianismo Primitivo

Tomando como base a periodização das épocas históricas da humanidade, a chamada Idade Antiga, ou Antiguidade é o período que se estende desde a invenção da escrita (por volta de 3.500 a.C.) até a queda do império Romano do Ocidente (476 d.C). Porém, em se tratando da história do Cristianismo, interessa-nos o período que vai do ano zero de nossa era até 476 d.C.

Um marco importante no Cristianismo Primitivo, no que tange ao estudo angelológico, aconteceu no século IV. Foi naquele momento que entrou em cena, na história, a figura de Agostinho de Hipona (354 d.C), mais conhecido como Santo Agostinho. Este teólogo foi o principal responsável em afastar o livro de I Enoque do cenário teológico cristão ocidental, provocando quase que totalmente o seu esquecimento no decorrer da história. Conseqüentemente, mudanças nas crenças angelicais começaram a acontecer. É por isso que pouco se comentou sobre o escrito na Idade Média, Moderna e Contemporânea.

I Enoque foi um livro que marcou profundamente aquela parte da história cristã. Crenças como a queda dos anjos, raça híbrida denominada Nephilins, dilúvio como juízo de Deus para punir homens, aprisionamento de anjos, conhecimento transmitidos por anjos a seres humanos, fizeram parte do imaginário dos cristãos naquele período.

No século II d.C, o rabino Shimeon Bar Yohai foi responsável em defender a tese de que a expressão “filhos de Deus” em Gêneses 6:2 era uma referência a linhagem de Sete. Teólogos, com base no pensamento do rabino Yohai, iniciaram um processo de apologia contra o escrito que teve no século IV d.C. o seu expoente maior: Agostinho de Hipona. Porém, foi Julius Africanus, no século II-III d.C., quem começou a argumentar, entre os cristãos, que os “filhos de Deus”, presentes em Gn 6, eram os descendentes de Sete.

A maioria dos “Pais da Igreja” fizeram uso de I Enoque e continuaram defendendo o pensamento original de que a expressão “filhos de Deus” quando ocorre em Gêneses 6:2 e no Antigo Testamento, refere-se a anjos. Porém, antes de comprovarmos esta utilização, vejamos algumas crenças dos “Pais” referente a anjos naquele período histórico. O quadro a seguir foi elaborado tomando-se como referência o livro “Anjos” de Aquino (2005) e tem como proposta nos fornecer noções sobre o pensamento de alguns líderes no Cristianismo Primitivo acerca da angelologia:

Tabela 7: Crenças angelológicas dos Pais da Igreja

Clemente de Roma (Século I d.C):	“Os anjos se acham a serviço de Cristo e são superiores aos homens.”
Atenágoras (Século II d.C):	“Não somos ateus; cremos em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, mas ensinamos também que existe uma multidão de anjos servidores, ministros de Deus criador e ordenador do mundo nas coisas que aí se encontram e na sua ordem”
Irineu de Lyon (Século II d.C):	<p>“Deus é criador do céu e da terra e de todo o mundo e formador dos anjos e dos homens. Só Ele é Pai, Deus criador, formador e moldador. Ele criou e formou ambas as coisas, tudo: o visível e o invisível, neste mundo e no céu.”</p> <p>“Por conseguinte, criou também os seres espirituais. O universo não foi criado nem formado pelos anjos; Deus não necessitava deles para esse fim.”</p> <p>“Os anjos são espirituais, não possuem carne.”</p> <p>“O pecado que cometeram teria sido a inveja dos anjos, uma vez que Adão colocado como senhor da terra, seria também senhor dos anjos que estavam sobre a terra.”</p>
Clemente de Alexandria (Século II d.C):	“Aquele que crê, ora com os anjos, mesmo que ore sozinho. Porque, com ele se reúne o coro dos santos que ficam em sua companhia.”
Ambrósio (Século IV d.C):	<p>“No batismo, o sacerdote atua na missão de um anjo.”</p> <p>“Deus não tinha necessidade dos anjos, porém o homem deles tem necessidade. Enquanto os homens foram criados à imagem de Deus, os anjos o foram segundo o ministério de Deus”.</p> <p>“Todos aqueles que seguem a Cristo têm acesso aos anjos.”</p>

Fonte da Tabela: Autor

Segundo Berkhof (2001, p.131) sempre houve uma dicotomia na crença angelológica. Alguns anjos eram considerados bons e outros maus. Aqueles eram tidos em alta estima, como seres pessoais, de elevada categoria, dotados de liberdade moral, engajados no jubiloso serviço de Deus e empregados por Deus para atender ao bem-estar dos homens.

Para alguns dos primeiros Pais, os anjos possuíam corpos perfeitos e etéreos. As afirmações eram que os anjos foram criados bons, mas houve aqueles que abusaram da sua liberdade e caíram, apartando-se de Deus. Satanás, que foi, originariamente, um anjo de classe eminente, era considerado o chefe deles.

Uma outra crença forte dizia respeito a anjos da guarda, ou seja, pensava-se que haviam anjos específicos para cada igreja e para cada indivíduo pertencente à mesma. Além desta crença, calamidades de vários tipos tais como: doenças, acidente e perdas, muitas vezes eram atribuídas às ações de anjos maus. Também é possível observar o surgimento de uma hierarquia dos anjos já naquele momento, mais precisamente com Clemente de Alexandria no século II d.C.

Com o passar do tempo, conquanto alguns lhes atribuíssem excelentes corpos etéreos, houve crescentes incertezas sobre se eles possuíam algum tipo de corpo. Os anjos eram considerados como espíritos bem-aventurados, superiores aos homens em conhecimento e livres do desembaraço de grosseiros corpos materiais.

Segundo Berkhof (2001, p.131), Dionísio, o Areopagita, um discípulo do apóstolo Paulo que aparece no livro de Atos 17:34, foi quem dividiu os anjos em três classes. A primeira, ou superior, era constituída por serafins, querubins e tronos, em seguida vêm os domínios e os poderes, a terceira classe seriam os principados, potestades, arcanjos e anjos. A tabela abaixo ilustra melhor a divisão:

Tabela 8: Funções dos Anjos

Serafins	Seres mais próximos de Deus, que cercam o trono e cantam: Santo, Santo, Santo.
Querubins	No livro de Gêneses aparecem como guardiões, os quais impedem os homens de entrarem no paraíso.
Tronos	Seres que caíram do céu com Satanás.
Domínios	Seriam anjos antigos.
Poderes	Sua função seria a de fazer milagres no mundo humano.
Principados	Defensores de uma região, país ou continente.
Potestades	Exército de anjos maus
Arcanjo	Chefes de anjos
Anjos	Categoria mais baixa e próxima dos homens

Fonte da Tabela: Autor

Os anjos da primeira categoria (os três primeiros) eram tidos como os que gozavam da mais estreita relação com Deus, os da segunda classe (quarto e quinto), iluminados pelos primeiros e os da terceira classe (os quatro últimos), como iluminados pelos da segunda categoria. Esta classificação influenciou diversos teólogos na história. Agostinho argumentava que os anjos bons foram recompensados por sua obediência recebendo de Deus a capacidade de perseverar e portanto, não poderiam cair do seu estado de graça. (BERKHOF, 2001, p. 131)

Após Agostinho, a crença na queda de Satanás, causada pelo orgulho persistiu. Porém, a nova exegese de Gênesis 6:2 que defendia que a expressão “filhos de Deus” referia-se aos descendentes de Sete ganhou espaço no pensamento da maioria dos teólogos e quase que a interpretação original caiu no esquecimento. Conseqüentemente o li-

vro de Enoque também perdeu forças. Outro fator de peso que distanciou I Enoque (que cita vários nomes de anjos) oficialmente dos círculos exegéticos foi o Concílio de Laodicéia (Séc. IV) que afirmou que os únicos nomes de anjos autorizados pelas Escrituras seriam: Miguel, Gabriel e Rafael.

Porém, antes de Agostinho, a maioria dos “Pais” utilizaram o escrito, principalmente o livro dos Vigilantes. O livro era bastante útil para alertar os cristãos contra a imoralidade, feitiçaria, idolatria, juízo de Deus, céu e inferno, etc. Sempre com o propósito de promover uma ética dentro dos parâmetros cristãos defendidos na época. A seguir passaremos a observar, em vários escritos atribuídos aquele período, referências ao escrito de I Enoque.

Justino o Mártir (II Século d.C)

Conhecedor de retórica, poesia e história, após a sua conversão, Justino continuou fazendo uso do seu conhecimento para escrever em prol da fé cristã. Escreveu duas apologias e a terceira obra é intitulada Diálogo com Trifão (Spinelli, 2002). A passagem a seguir, extraída da sua primeira apologia, aponta para o Livro dos Sentinelas, quando diz que anjos fizeram aparições e violaram as mulheres. É perceptível que Justino também fora influenciado pelo escrito. Ele usou a história contida em I Enoque para afirmar que, aqueles que perseguiram os cristãos, o faziam através de influência demoníaca.

O que pode haver nisso? Nós fizemos profissão de não cometer nenhuma injustiça e não admitir essas ímpias opiniões. Vós, porém, não examinais nossos juízos, mas movidos de paixão irracional e aguilhoados por demônios perversos, nos castigais sem nenhum processo e sem sentir remorso algum por isso. Digamos a verdade: antigamente alguns demônios perversos, fazendo suas aparições, violaram as mulheres, corromperam os jovens e mostraram espantelhos. Com isso ficaram apavorados aqueles que não julgavam pela razão as ações praticadas e assim, levados pelo medo e não sabendo que eram demônios maus, deram-lhe

nomes de deuses e chamaram cada um com o nome que cada demônio havia posto em si mesmo. Quando Sócrates, com raciocínio verdadeiro e investigando as coisas, tentou esclarecer tudo isso e afastar os homens dos demônios, estes conseguiram, por meio de homens que se comprazem na maldade que ele também fosse executado como ateu e ímpio, alegando que ele estava introduzindo novos demônios. Tentam fazer o mesmo contra nós. De fato por obra de Sócrates, não só entre os gregos se demonstrou pela razão a ação dos demônios, mas também, entre os bárbaros, pela razão em pessoa, que tomou forma, se fez homem e foi chamado Jesus Cristo. Pela fé que nele temos, não dizemos que os demônios que fizeram estas coisas são bons, mas demônios malvados e ímpios. Que não alcançam ou praticações semelhantes, nem mesmo aos homens que não aspiram à virtude. (1 Apol. 5:1-4)¹²

Na sua segunda apologia ele comenta:

Tendo Deus feito o mundo inteiro, submetido às coisas terrestres aos homens e ordenando os elementos do céu, impondo-lhe também uma lei divina para o crescimento dos frutos e variações das estações – os quais também claramente ele fez para os homens, entregou-o, assim como as coisas sob o céu, aos cuidados dos anjos que para isso designou. Mas os anjos, violando esta ordem, deixaram-se vencer por seu amor pelas mulheres e geraram filhos, que são os chamados demônios. Além disso, mais adiante, escravizaram o gênero humano, algumas vezes por meio de sinais mágicos; outras por terrores e castigos que infligiam; outras ensinando-lhes a sacrificar e oferecer para eles incensos e libações de que necessitam, depois que se submeteram às paixões de seus desejos. Finalmente, foram eles que semearam entre os homens assassínios, guerras, adultério, vícios e maldade de todo tipo. Daí, os poetas e narradores de mitos, não tendo ideia de que os anjos e os demônios, que eles nasceram, cometeram com homens e mulheres e fizeram em cidades e nações tudo o que sobre eles escreveram, depois o atribuíram ao próprio Deus e aos filhos carnalmente nascidos dele e aos chamados seus irmãos, Poseidôn e Plutão. (2 Apol. 5:2-5)¹³

Em outra passagem Justino afirma que estes seres desencarna-

¹² Justino de Roma: i e ii apologias diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995. p. 22-23

¹³ Justino de Roma:... 1995. p. 94-95

dos tinham a capacidade de possuir corpos, mas que, através do nome de Jesus, eram expulsos:

“Jesus”. Em troca, nome de homem que tem a sua própria significação de “salvador”. Sim, com efeito, como já dissemos, o Verbo se fez homem por desígnio de Deus Pai e nasceu para a salvação dos que crêem e destruição dos demônios. Podeis comprová-lo por aquilo que, agora mesmo, está acontecendo diante de vossos olhos. De fato, em todo o mundo e em vossa própria cidade imperial, muitos dos nossos, isto é, cristãos, conjurados pelo nome de Jesus Cristo, que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, curaram e ainda agora continuam curando muitos endemoninhados que não puderam sê-lo por todos os outros exorcistas, encantadores e feiticeiros. E assim destroem e expulsam os demônios que possuem os homens” (II Apol. 6:4)¹⁴

Atenágoras (II Século d.C)

Ele foi um apologista cristão que escreveu em defesa da fé cristã ao imperador Marco Aurélio. Em seu escrito “Súplica pelos Cristãos”, combate as religiões que considerava pagãs e posiciona a fé cristã como legitimada (Champlin, 2002). Neste escrito ele também traz o pensamento enoquiano para falar do livre arbítrio dos anjos e de sua visão sobre o mundo espiritual:

De mesmo modo, porém, que os homens têm livre-arbítrio, podem optar pela virtude e pela maldade... assim também os anjos. Uns, que foram imediatamente criados livres por Deus, permaneceram naquilo que Deus os criara e ordenara; Outros se orgulharam tanto de sua natureza; como do império que exerciam, isto é, esse que é príncipe da matéria e das suas formas e os outros encarregados desse primeiro firmamento - e deveis saber que não afirmamos nada sem testemunhas; expressamos apenas o que foi dito pelos profetas; estes por terem caído em desejo pelas virgens e mostrando-se inferiores à carne; aquele (o chefe deles), por ter sido negligente e mal na administração que lhe fora confiada. Dos que tiveram relações com as virgens nasceram gigantes. Não vos mara-

¹⁴ 17 Justino de Roma:... 1995. P.95

vilhais se em parte os poetas também falaram dos gigantes, pois a sabedoria humana e a divina distam entre si assim como a verdade dista do verossímil. Uma é celeste e outra é terrena e segundo o príncipe da matéria, “sabemos dizer muitas mentiras semelhantes à verdade”. Portanto, esses anjos caídos do céu, que rodam em torno do ar e da terra e que já não são capazes de subir ao supraceleste, e as almas dos gigantes são os demônios, que andam errantes ao redor do mundo e produzem movimentos semelhantes; os demônios às substâncias que receberam os anjos aos desejos que sentiram. Quanto ao príncipe da matéria, como se pode ver pela experiência, ele governa e administra de modo contrário a vontade de Deus. (Sup. Pelos Cristãos 24-25)¹⁵

Irineu (II Século d.C)

Uma das maiores preocupações de Irineu foi combater o gnosticismo. Ele foi um líder cristão que atuou provavelmente na província romana da Ásia menor. Sua principal obra é uma apologia ao Gnosticismo chamada “Sobre a detecção e refutação da chamada Gnosis”, também conhecida como “Contra Heresias” ou “Adversus Haereses” (Grant, 1997, p.6). Neste escrito ele fala de Enoque como sendo um embaixador entre Deus e os anjos:

A prova de que o homem não era justificado por causa desta prática, mas que elas foram dadas ao povo como sinal, se encontra em Abraão, o qual, sem circuncisão e sem observância do sábado, “acreditou em Deus e lhe foi imputado a justiça e foi chamado amigo de Deus. Também Ló, mesmo sem circuncisão, foi tirado de Sodoma e salvo por Deus. Assim Noé, de quem Deus gostava, ainda que sendo incircunciso, recebeu as medidas do mundo do novo nascimento. E Enoque agradou a Deus mesmo sem circuncisão e, sendo homem, foi embaixador junto aos anjos, foi levado, e permanece até hoje testemunha do justo juízo de Deus, pelo fato de que os anjos transgressores caíram no juízo de Deus e o homem que tinha agradado a Deus foi levado à salvação. (Contra Here-

¹⁵ PADRES Apologistas: carta a Diogneto, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antiquiam, Hérmiás, o filósofo. São Paulo: Paulus, 1995, p. 150-151.

*sias livro 4 16.2)*¹⁶

Irineu também defende que o motivo do dilúvio foi a desobediência dos homens que entraram em aliança com anjos:

*Único e idêntico é sempre o Verbo de Deus que aos que nele acreditam uma fonte de vida para a vida eterna, mas faz secar de repente a figueira estéril; que, nos tempos de Noé, com justiça, fez cair o dilúvio para exterminar a raça execrável dos homens de então, incapazes de produzir frutos para o Senhor, depois que os anjos rebeldes se misturaram com eles, para coibir seus pecados e salvar o arquétipo, a criação de Adão. (Contra Heresias livro 4,36.4)*¹⁷

Tertuliano (II Século d.C)

Nascido em Cartago da África, de estilo apologético e conservador, foi o primeiro a utilizar o termo trindade em suas obras (Barnes, 1985, p.58). Também se verifica em seu pensamento uma influência nítida do Livro dos Vigilantes. Ele o utiliza com a intenção ou viés pastoral.

*Além disso, nós somos instruídos por nossos livros sagrados que certos anjos, os quais caíram por causa do próprio livre arbítrio. Lá cresceram em ninhada demoníaca ainda pior, condenada de Deus, junto com os autores de sua raça, e com aquele chefe que nos referimos anteriormente. No momento, porém, é suficiente relatar algumas de suas obras. O grande propósito deles é a ruína do gênero humano. Assim, desde o primeiro momento, a maldade espiritual buscou nossa destruição. (Apologeticum 22.3-4)*¹⁸

Na próxima passagem, percebe-se, incisivamente, a maneira

¹⁶ IRINEU de Lião: i, ii, iii, iv, v livro. São Paulo: Paulus, 1995, p.411.

¹⁷ IRINEU de Lião: i, ii, iii, iv, v livro. São Paulo: Paulus, 1995, p.492.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/tertullian01.html>>, tradução de Anderson Dias Araújo.

marcante que a narrativa dos Vigilantes possui em sua epistemologia:

Porque eles, por quem os instituíram são designados, à condenação, por pena de morte, esses anjos, com inteligência, que fugiram do céu em busca das filhas de homens; de forma que esta ignomínia também se prende à mulher. De uma época muito mais ignorante eles revelaram certas substâncias de material bem-ocultas, e várias artes científicas bem reveladas – se é verdade que eles tinham revelado o manejo da metalurgia, e tinham divulgado as propriedades naturais de ervas, e tinham promulgado os poderes do encanto, e tinham revelado toda arte misteriosa, até mesmo a interpretação das estrelas – e particularmente às mulheres, eles comunicaram corretamente a arte instrumental de ornamentação feminina, os brilhos de jóias como colares são combinados com diversas cores, e os braceletes de ouro, e produtos de tingimento com os quais a lã é colorida, e aquele pó negro, com o qual são feitos as pálpebras e cílios proeminentes. (De Cultu feminarun ii. 10,2-3)¹⁹

Tertuliano também discorre sobre o uso do véu por parte das virgens quando orarem. O seu argumento flui da passagem dos vigilantes. É interessante notarmos que ele chama os vigilantes de anjos. No texto também notamos sua ênfase no tipo de mulher que os anjos escolheram para si. Segundo Tertuliano as mulheres eram virgens. Sua tentativa é opor-se ao posicionamento daqueles que acreditavam que os sentinelas também haviam se relacionado com mulheres casadas no princípio:

Se for por causa daqueles anjos, com inteligência, a respeito de quem nós lemos que tendo caído da presença de Deus e do céu devido a concupiscência que sentiram pelas fêmeas – quem possa presumir que eles eram corpos já corrompidos, e relíquias de luxúria humana, a qual tais anjos ansiaram, assim, como senão tivessem sido inflamados por virgens, cuja jovialidade alega uma desculpa igualmente para luxúria humana? Assim usam livros sagrados e sugerem: “E ocorreu que”, diz, “quando o número de homens tinham começado a crescer sobre a terra, havia as filhas nascidas deles; mas os filhos de Deus, tendo enxergado as

¹⁹ Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/tertullian27.html>>, Tradução de Anderson Dias Araújo.

filhas de homens, que elas eram bonitas, tomou entre elas esposas entre todas que eles elegeram". Aqui a palavra grega "mulheres" parece ter o significado de esposas, já que a menção é feita em relação a matrimônio. Quando então diz as "filhas de homens" pretende significar virgens que ainda seriam consideradas manifestadamente como pertencendo aos pais delas, pois se fossem mulheres casadas, pertenceriam aos seus maridos, considerando que poderia ter sido dito "esposas de homens" e semelhantemente não nomeando os anjos de adúlteros, mas maridos, enquanto eles tomaram as solteiras "filhas dos homens" sobre as quais foi dito acima que nasceram, assim também significando a sua virgindade: primeiro, "nascidas", mas aqui casadas com anjos. Qualquer outra coisa que eu não sabia exceto que elas foram "nascidas" e subseqüentemente casaram. Uma face tão perigosa, então deveria ser coberta com véu, que lançou pedras de tropeço mesmo a um lugar tão longe como o céu: isto é, quando diante da presença de Deus, cujo poder detém para acusar por conduzirem os anjos de seu estado nativo, bem como devem se ruborizar perante os outros anjos; e devem reprimir aquela liberdade má de sua cabeça, uma liberdade que não deve ser exibida nem mesmo perante olhos humanos, isto é devem usar o véu. (De virg. Vel. 7,2-3)²⁰

Neste ponto suscitaremos a discussão sobre o uso do véu, posto que, também, é um assunto presente na contemporaneidade cristã, haja vista, por exemplo, a existência de denominações evangélicas que possuem em seu bojo doutrinário o ensinamento do uso do véu por parte das mulheres em situações específicas.

Além do ensino do uso do véu presente na doutrina de alguns Pais da Igreja, como percebemos até o presente momento, também verificamos no texto bíblico lampejos do costume de usar o véu em cultos cristãos. A passagem que aborda o uso do véu é I Coríntios 11:3-16:

Quero, entretanto, que saibais ser Cristo o cabeça de todo homem, e o homem, o cabeça da mulher, e Deus, o cabeça de Cristo. Todo homem

²⁰ Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/tertullian28.html>>, Tradução de Anderson Dias Araújo

que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, desonra a sua própria cabeça. Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça sem véu desonra a sua própria cabeça, porque é como se a tivesse rapada. Portanto, se a mulher não usa véu, nesse caso, que rape o cabelo. Mas, se lhe é vergonhoso o tosquiá-lo ou rapá-lo, cumpre-lhe usar véu. Porque, na verdade, o homem não deve cobrir a cabeça, por ser ele imagem e glória de Deus, mas a mulher é glória do homem. Porque o homem não foi feito da mulher, e sim a mulher, do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, e sim a mulher, por causa do homem. Portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu na cabeça, como sinal de autoridade. No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem, independente da mulher. Porque, como provém a mulher do homem, assim também o homem é nascido da mulher; e tudo vem de Deus. Julgai entre vós mesmos: é próprio que a mulher ore a Deus sem trazer o véu? Ou não vos ensina a própria natureza ser desonroso para o homem usar cabelo comprido? E que, tratando-se da mulher, é para ela uma glória? Pois o cabelo lhe foi dado em lugar de mantilha. Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.

Baseado nesse texto, a Congregação Cristã (popularmente conhecida como a Igreja do Véu) que chegou ao Brasil em 1.910 através de um ítalo-americano chamado Louis Francescon, aderiu ao uso do véu nos cultos. Algumas práticas curiosas desta denominação são: o ósculo santo, o uso do véu nas orações por parte das mulheres, a permissão de até três pregações durante o culto.²¹

Segundo Araújo (2009, p.83), através de estudos filológicos e iconográficos do mundo mediterrâneo, é possível chegarmos à conclusão de que era comum às mulheres do mundo mediterrâneo o uso de cabelos longos. Comumente utilizavam-se tranças enroladas ao redor da cabeça, bem como o uso do véu era recomendado ou até mesmo obrigatório. Sair em público com cabelos soltos e desvelados, era motivo até mesmo de divórcio.

De acordo com Corrington (1991, p.229), o escritor romano Valerius Maximus congratulou o cônsul Gallus por ter se divorciado da

²¹ CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL, Convenção São Paulo, 1936, p.6.

esposa, posto que a flagrou em público com a cabeça desvelada, o que poderia atrair o olhar e conseqüentemente, a cobiça de outro homem. Além disso, os cabelos soltos da mulher, ou mesmo o ato de soltá-los, geralmente estava associado a questões de natureza sexual.

Quando as mulheres mudavam o seu estado civil - de solteira para casada - elas ornamentavam seus cabelos com faixas, uma espécie de tiara de tecido, simbolizando indisponibilidade para relacionamentos, ou seja, uma espécie de aliança de matrimônio. Ao invés de ser um sinal discretamente colocado no dedo, como acontece na nossa cultura, era visivelmente estampado na cabeça da mulher.

No Judaísmo, algumas situações em que as mulheres soltavam o cabelo em público se dava em caso de rituais fúnebres, ou quando participavam do ritual de suspeita de adultério (COSGROVE, 2005, p.682).

O texto de Números 5:11-31, endossa o argumento de que era costume da mulher na antiguidade usarem cabelos amarrados em público:

Disse mais o Senhor a Moisés: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Se a mulher de alguém se desviar e lhe for infiel, de maneira que algum homem se tenha deitado com ela, e for oculto aos olhos de seu marido, e ela o tiver ocultado, havendo-se ela contaminado, e contra ela não houver testemunha, e não for surpreendida em flagrante, e o espírito de ciúmes vier sobre ele, e de sua mulher tiver ciúmes, por ela se haver contaminado, ou o tiver, não se havendo ela contaminado, então, esse homem trará a sua mulher perante o sacerdote e juntamente trará a sua oferta por ela: uma décima de efa de farinha de cevada, sobre a qual não deitará azeite, nem sobre ela porá incenso, porquanto é oferta de manjares de ciúmes, oferta memorativa, que traz a iniquidade à memória. O sacerdote a fará chegar e a colocará perante o Senhor. O sacerdote tomará água santa num vaso de barro; também tomará do pó que houver no chão do tabernáculo e o deitará na água. Apresentará a mulher perante o Senhor e soltará a cabeleira dela; e lhe porá nas mãos a oferta memorativa de manjares, que é a oferta de manjares dos ciúmes. A água amarga, que traz consigo a maldição, estará na mão do sacerdote. O sacerdote a conjurará e lhe dirá: Se ninguém contigo se deitou, e se não te desviaste pa-

ra a imundícia, estando sob o domínio de teu marido, destas águas amargas, amaldiçoantes, serás livre. Mas, se te desviaste, quando sob o domínio de teu marido, e te contaminaste, e algum homem, que não é o teu marido, se deitou contigo (então, o sacerdote fará que a mulher tome o juramento de maldição e lhe dirá), o Senhor te ponha por maldição e por praga no meio do teu povo, fazendo-te o Senhor descair a coxa e inchar o ventre; e esta água amaldiçoante penetre nas tuas entranhas, para te fazer inchar o ventre e te fazer descair a coxa. Então, a mulher dirá: Amém! Amém!

Da mesma forma que os cabelos longos e soltos possuíam significado, os cabelos curtos também tinham suas interpretações. Segundo Fee (1987, p.511), mulheres que possuíam cabelos raspados ou curtos eram tidas como masculinizadas ou lésbicas.

O texto de I Coríntios 11, já gerou vários comentários acerca do uso do véu. A frase paulina contida no versículo 10 diz: *“portanto, deve a mulher, por causa dos anjos, trazer véu a cabeça, como sinal de autoridade”* a tempo desperta polêmica nos círculos teológicos.

Para o apóstolo Paulo a existência de anjos que observavam os humanos era uma realidade. Ele usa o argumento dos anjos para direcionar a igreja de Corinto a tomar consciência da importância do véu no culto como forma de autoridade. Ele tinha em mente a narrativa dos vigilantes. Porém, por mais óbvia que pareça a ideia ela não é de todo aceita. Segundo Araújo (2009, p.106), existem quatro interpretações sobre a relação do véu e dos anjos neste texto:

1 - Os anjos estão presentes nos cultos cristãos como observadores e por isso, em forma de respeito, as mulheres devem usar o véu;

2 - Os anjos eram mensageiros que visitavam a comunidade e com o desvelamento das mulheres podiam se escandalizar;

3 - Paulo atribuiu aos anjos e não a Deus, nessa passagem, a criação das mulheres e por isso fez uma diferença entre os gêneros (uma proposta extremamente especulativa);

4 - O véu é visto como um aparato protetor contra os anjos que observam as mulheres desveladas no culto e ao verem sua beleza co-

biçam-nas.

O entendimento de Araújo é que existem pelo menos duas conexões do versículo com o Livro dos Vigilantes. A primeira, o desvelamento das mulheres e a presença dos anjos no culto poderiam, novamente, conduzir os anjos à lascívia e, conseqüentemente, dar início a uma nova transgressão angelical.

A segunda é que a responsabilidade pela transgressão dos anjos vigilantes, em parte, é atribuída às mulheres. Por isso, deveriam usar o véu. Para ele, o véu não se refere a um tecido, mas ao próprio cabelo da mulher. (ARAÚJO, 2009, p.108)

Entendemos que o texto tem ligação com o enredo dos vigilantes. Porém, diferentemente das posições supracitadas, compreendemos que o véu (literalmente um tecido) tinha um efeito didático. É interessante notarmos que Paulo fez menção do seu uso no contexto do culto. Mas, será que para ele, os anjos só as observavam no culto? Certamente que não. Porém o culto era percebido como um adentramento à dimensão espiritual era um ato de se chegar ao trono de Deus, à busca consciente pelo divino.

Mas, por que as mulheres que oravam ou profetizavam deveriam usar o véu? Segundo textos judaicos antigos, as mulheres que tiveram relacionamentos com os sentinelas, desejaram esta situação. Elas não foram de todo iludidas, elas sabiam que aqueles seres não eram homens e mesmo assim desejaram consumir a relação. O Testamento dos Doze Patriarcas diz: “Foi desta maneira que elas também enfeitaram os guardiões antes do dilúvio.” (KEE, 1983, p. 784)

O texto de I Coríntios não insinua que as mulheres devem usar véu para não tentarem os anjos e provocar outra queda angelical. Paulo não cria nesta possibilidade. Sua epistemologia aponta o tempo todo, para a eleição, inclusive de anjos. Em I Timóteo 5:21 ele diz a Timóteo: “*Conjuro-te, perante Deus, e Cristo Jesus, e os anjos eleitos, que guardes estes conselhos, sem prevenção, nada fazendo com parcialidade.*”

Não é um argumento forte defender que Paulo ensinasse o uso

do véu para evitar outra queda angelical, após o que os anjos fiéis testemunharam e do processo do qual participaram. É dito que os anjos amarraram os sentinelas. Sem contar que, sobre os rebeldes se diz, em I Enoque, que foram amarrados em trevas, viram seus filhos (nefilins) perecerem e estão reservados para o dia do juízo e para o fogo eterno, o que enfraquece este argumento que diz Paulo ensinar a possibilidade de outra queda angelical. Isso soaria mais como uma espécie de doutrina do masoquismo angelical.

O uso do véu em Paulo pertence ao contexto de honra feminina. Ele diz *“toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça sem véu, desonra sua própria cabeça.”* (v.5) Para ele, a consequência do não uso do véu era imediata: *“desonra sua própria cabeça”*. Ou seja, as mulheres que não usassem o aparato, desvalorizavam-se diante dos anjos. Seria algo como ir ao gabinete do presidente da república apenas de bermuda e camiseta. Penso que, para Paulo, o uso do véu ecoava uma mensagem nas regiões celestes do tipo: nós somos mulheres de respeito não somos como aquelas que se corromperam antes do dilúvio! A busca em viver uma vida honrosa em todos os níveis sempre foi um pensamento paulino.

Uma questão interessante cabe neste momento: O uso do véu ainda é para hoje? Poderíamos dizer que não existe problema nenhum caso alguma comunidade queira usar o véu. Porém, o oposto também deve ser afirmado, ou seja, não existe problema nenhum no não uso do véu, posto que, no versículo 16 do capítulo 11, Paulo, apesar de defender o uso do véu, deixa claro que é um costume: *“Contudo, se alguém quer ser contencioso, saiba que nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.”*

Literalmente, na atualidade, os anjos no céu -diferente daqueles que, no passado, em desobediência vieram a terra- não se casam nem se dão em casamento, como ensinou Jesus: *“Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu”* (Mt 22:30). Contudo, no passado, houve uma desobediência aos prin-

cípios divinos estabelecidos para os anjos.

Clemente de Alexandria (II Século d.C)

Acredita-se que Clemente nasceu em Atenas. Ele foi um dos principais responsáveis em combater o gnosticismo do segundo século. Seu principal rival foi o gnóstico Valentim. Clemente foi homem erudito, inclinado à filosofia, considerado por Jerônimo o mais erudito dos Pais da igreja. (SPINELLI, 2002, p.63)

Em sua obra “O Instrutor”, percebe-se lampejos da narrativa dos vigilantes. Segundo Vanderkam (1996, p.66), ele faz uso do escrito enoquiano com propósitos morais, mostrando que a beleza da terra é passageira e não se compara à beleza eterna:

O céu era encantado por duas carruagens, por quem sozinho o fogo era conduzido. Tal como a mente é desencaminhada pela paixão, e pelo indefinível princípio da razão, se não educado pela Palavra, degenera-se em licenciosidade, e recebe calamidade como prêmio pela transgressão. Exemplo disso são os anjos, que renunciaram a beleza de Deus por uma beleza que se desvanece, e assim caíram do céu para terra. (O Instrutor 3, 2.14)²²

Em “Stromata Livro”, Clemente ensina aos seus leitores da importância do autocontrole, exemplificando com base nos vigilantes:

De fato, as pessoas não deveriam considerar somente um tipo de autocontrole, a saber, o controle sobre os desejos sexuais, mas também em relação a todas as outras coisas que nossa alma almeja, não estando contentes com as próprias necessidades, mas almejando e buscando o que é luxuoso e outras indulgências que a alma deseja. Deve-se acrescentar a continência ao menosprezo do dinheiro, ao conforto, a propriedade, conter-se na forma de se vestir, controlar a língua e dominar os pensamentos maus. No passado, certos anjos ficaram incontinentes e se inflama-

²² Disponível em: <http://bebal.catholicculture.org/library/fathers/view.cfn?recnum=1659>. Tradução de Anderson Dias de Araújo.

ram em desejo de tal forma que caíram do céu para terra. (Stromata Livro 3 7.59)²³

Cipriano de Cartago (III Século d.C)

No século III, encontramos outro líder cristão que fez uso da narrativa dos vigilantes para ensinar sua congregação. Trata-se do bispo Cipriano. Excelente orador, teve sua biografia registrada por Jerônimo (TEBES, 2000, p.19). No escrito “De habitu virginum” ele usa os vigilantes para ensinar as virgens sobre a maneira adequada de se vestirem e sobre o ato de dedicarem suas vidas a Cristo:

Pois Deus nem criou a ovelha escarlate ou roxa, nem ensinou aos sucos de ervas e a concha de moluscos o tingimento de lã colorida, nem organizou colares com pedras incrustadas em ouro, e com pérolas distribuídas e agrupadas em tecido, com os quais você esconderia o pescoço que Ele fez; o que Deus formou no homem pode ser coberto, e isso pode ser visto naquilo que o diabo inventou, além disso. Deus desejou que nas mulheres devesses ser feitas feridas nas orelhas, ainda na infância, quando ainda inocentes e inconscientes do mal mundano, deveriam ser colocadas para sofrer, e subseqüentemente das cicatrizes e buracos das orelhas brincos preciosos se penduram, pesadas, se não pelo peso delas, mas pelo custo delas? Todas as coisas pecaminosas e anjos apóstatas ensinaram por meio de suas artes, quando, se rebaixaram às coisas contagiosas da terra, eles abandonaram o seu vigor divino. Eles também lhes ensinaram a pintar ao redor dos olhos com negridão, e manchar as bochechas com um enganoso vermelho, e mudar o cabelo com cores falsas, e eliminar toda a verdade, em ambas: na face e na cabeça, pela

²³ Disponível em: <<http://www.earlychristianwritings.com/text/clement-stromata-book3-english.html>>. Tradução de Anderson Dias de Araújo.

agressão de sua própria corrupção. (De habitu virginum 14)²⁴

Lactantius (III Século d.C)

Orador, apologista e Conselheiro de Constantino I, Lactantius foi um personagem que se dedicou a escrever discursos apologéticos em prol do Cristianismo a intelectuais de sua época. Sua principal obra foi “Divine Institutes”. Nela ele descreve as crenças não cristãs como fúteis e apresenta crenças cristãs sistematicamente. Baseado na narrativa de I Enoque descreve os gigantes, fruto da relação dos anjos com as mulheres, como demônios. É interessante notar o que Lactantius pensa sobre a ação de Satanás. Segundo o mesmo, Satanás, que já levava o gênero humano à desobediência, posteriormente seduz outros anjos a abdicarem do seu estado natural e se envolverem com mulheres. (CHARLESWORTH, 1873, 82).

Então, quando o número de homens tinha começado a aumentar, Deus em sua providência, para que Satanás, a quem Deus desde o princípio dera poder sobre a terra, e por usa sutileza não corrompesse ou destruísse os homens, como ele havia feito no princípio, enviou anjos para a proteção e desenvolvimento da raça humana; e já que ele havia dado aos anjos livre arbítrio Ele os ordenou acima de todas as coisas para que não se corrompessem com a contaminação da terra, e assim perdessem a dignidade de sua natureza divina. Deus os proibiu claramente de fazer o que Ele de antemão sabia que fariam, e que eles poderiam perder completamente a esperança de perdão. Então, enquanto eles viviam entre os homens, o mais enganoso ser da terra, e pela associação a eles, aos poucos os atraiu aos vícios, e os corrompeu por meio de relacionamentos com mulheres. Então, não sendo mais admitidos nos céus por causa dos pecados nos quais eles tinham se mergulhado, eles caíram para terra. Assim de anjos, Satanás os fez se tornarem criados seus. Mas aqueles que nasceram destes, porque eles não eram nem anjos nem homens, mas de

²⁴ Disponível em:<http://www.intratex.com/IXT/ENG0280/_PF.HTM>. Tradução de Anderson Dias de Araújo.

um tipo de natureza misturada, não foram admitidos no inferno, como seus pais não o foram no céu. Assim passou a existir dois tipos de demônios um do céu e outro da terra. Os primeiros são os espíritos maus autores de todos os males que são feitos, e Satanás é o príncipe deles. De onde Trismegistus o chama de governante dos demônios. Mas os gramáticos dizem que eles são chamados demônios, como se demones, isto é, habilidosos e familiarizados com a matéria, porque eles pensam que estes são deuses... Estes espíritos contaminados e abandonados, tal como digo vagueiam sobre toda a terra, e se consolam da própria perdição, destruindo os homens. Por isso eles colocam armadilhas em todo lugar, decepções, fraudes, e erros; porque eles agarram os indivíduos, e ocupam casas inteiras de porta a porta, e se chamam a si próprios de genii; pois por esta palavra eles traduzem demônios em Latim. As pessoas consagram estes em suas casas, para lhes oferecer diariamente libações de vinho, e adoram os sábios demônios como deuses da terra, e como se evitassem esses males que eles causam e impõem a si próprios. (Divine Institutes 2,15)²⁵

Neste momento, cabe uma reflexão sobre um tema importante no estudo da angelologia: a queda dos anjos. Algumas perguntas que fomentaram a presente seção foram: Qual a principal posição teológica na atualidade? Quantas quedas existiram? Como aconteceu?

Este é um assunto presente no relato bíblico é portanto do interesse de todo cristão. Apesar de não existirem textos tão claros, principalmente quando estudamos a primeira queda, podemos obter fortes impressões que se harmonizam com o pensamento de estudiosos que viveram nos primeiros séculos da era cristã. A seguir passaremos a descrever, em linhas gerais, o pensamento teológico atual entre a maioria dos cristãos brasileiros no que tange à temática.

Geralmente, acredita-se em uma única queda que é descrita da seguinte forma: Satanás, anjo mais forte e belo, era um anjo de luz (Lúcifer) maioral entre todos os anjos, um querubim. Ele resolveu, por causa de orgulho, rebelar-se contra Deus, pois desejava assumir o seu

²⁵ Disponível em: <http://www.newadvent.org/fathers/07012.htm>. Tradução de Anderson Dias de Araújo.

lugar. Houve uma guerra no céu e Miguel e seus anjos expulsaram Satanás, junto com os seus aliados, cerca de 1/3 dos anjos, os quais passaram a viver no universo, mais precisamente na terra. Os textos principais que geralmente são usados para respaldar esta posição são Isaías 14:12-15, Ezequiel 28.14-15, 17a e Apocalipse 12:3,4a e 7, que dizem, respectivamente:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas (anjos) de Deus exaltarei o meu trono e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do Norte; subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo.

Tu eras querubim da guarda ungido, e te estabeleci; permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado até que se achou iniquidade em ti. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; lancei-te por terra, diante dos reis te pus, para que te contemples.

Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu (anjos), as quais lançou para a terra... Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos.

Em toda tradição teológica verifica-se que a crença na queda de Satanás como sendo anterior a do homem é axiomática. No próprio texto Bíblico percebe-se que o imaginário dos cristãos já era permeado por esta ideia. No livro de Apocalipse, o apóstolo João interpreta a figura da Serpente descrita em Gênesis 3 como sendo o próprio Satanás: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama Diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.” (Ap 12:9)

Por mais que esta crença seja antiga, a questão é que, segundo as evidências que encontramos tanto no Livro dos Vigilantes como nos relatos bíblicos e dos Pais da Igreja, a crença cristã primitiva repousava no entendimento de duas quedas. A primeira acabamos de descrever como sendo a crença principal em nossos dias e a segunda está descrita em Gênesis 6. Esta culminou com o dilúvio. Diante do exposto, elaboramos a seguinte tabela que facilitará a compreensão:

Tabela 9: Quedas Angelicais

Quedas Angelicais	Causas das quedas dos anjos	Percepção dos cristãos nos primórdios da história cristã
1ª Queda	Satanás e anjos aliados se rebelam contra Deus e são expulsos do Céu.	Satanás é líder principal de todos os anjos caídos (tanto os da primeira queda como os da segunda). Os primeiros anjos caídos se tornaram os principados e potestades descritos nos textos paulinos (Ef 3:10; Ef 6:12; Cl 1:16; Cl 2:15)
2ª Queda	18 Chefes de anjos junto com anjos subalternos (cerca de 200) desejaram as filhas dos homens e abandonaram seu estado natural para se relacionar e constituir família com elas. Desta relação surgiram os gigantes (Nephilins)	Os anjos que se envolveram com as mulheres foram aprisionados e reservados para o dia do juízo (I Pe 3:19,20; II Pe 3:4). Os seus filhos, os nephilins, se tornaram espíritos imundos, também chamados de demônios, que estão vagando pelo mundo, praticando perversidades.

Fonte da Tabela: Autor

Uma questão importante para refletirmos é: Os cristãos acreditavam que os anjos que caíram na primeira queda (estes não estão aprisionados) possuíam a capacidade para gerar filhos? A resposta é

sim. Porém também acreditavam que nunca iriam fazer isso. Por quê? Porque eles compreendiam que tais seres não eram masoquistas! Os demônios gostam de gerar e ver o sofrimento na vida dos outros, mas, eles mesmos fogem de atos que possam gerar-lhes sofrimento, angústia e dor.

A Bíblia diz que estes seres “crêem em Deus e tremem” (Tg 2:19. Não é para menos, eles tremem pois conhecem o poder de Deus e o que aconteceu com os anjos da segunda queda. Quando Jesus foi expulsar os demônios do geraseno, eles suplicaram: “rogo-te que não me atormentes” (Lc 8:28). Em seguida eles rogaram que “não os mandasse sair para o abismo” (Lc 8:31). Esse “abismo” é o Tártaro, o lugar de punição para anjos caídos. Percebemos, através do texto, que estes seres estão dispostos a fazer qualquer negócio para não irem para lá. Por isso não irão cometer tal transgressão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro buscou enfatizar os principais pontos do pensamento angelológico cristão desde o primeiro século. Para isso, partindo da atualidade, verificamos se houve grandes mudanças na angelologia cristã nos círculos dogmáticos. Constatamos que uma primeira grande mudança ocorreu no século IV, quando, principalmente por causa da influência de Agostinho de Hipona, que argumentou contra o escrito de I Enoque, fazendo com que o mesmo ficasse à margem na maior parte da história cristã, causando lacunas na interpretação bíblica e dificultando a interpretação de livros como I e II Pedro e Judas.

Na pesquisa também observamos que o Livro dos Vigilantes foi bastante utilizado por diversos líderes renomados no cristianismo primitivo, revelando a importância que a narrativa tinha para os cristãos em épocas passadas, além de proporcionar luz para a interpretação de vários textos bíblicos.

Discutimos também passagens bíblicas como I Coríntios 11, na qual abordamos o significado do véu no pensamento paulino. Na sequência, também estudamos sobre a queda dos anjos e constatamos que a crença em duas quedas era a dominante nos primórdios do cristianismo, quase extinta da reflexão cristã.

Estudar sobre anjos, principalmente no período primitivo, concedeu-nos a oportunidade de chegar mais perto da epistemologia dos escritores neotestamentários e de entender melhor vários textos bíblicos dentro de seu contexto histórico e cultural. Porém, é importante avançarmos na compreensão da aplicação devocional que os primeiros líderes fizeram do enredo enoquita.

As informações que você passou a conhecer, não eram usadas, primeiramente, com a finalidade de satisfazer a curiosidade dos primeiros cristãos. Antes, de uma forma pastoral, servindo para incentivar costumes como o uso do véu ou mesmo o cuidado que as mulhe-

res deveriam ter ao se vestir.

Os Pais da Igreja usaram o livro de I Enoque para ensinar a igreja primitiva sobre o perigo da desobediência e de ultrapassar limites impostos pelo Criador. O livro servia para mostrar que *“horrrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo”* (Hb 10:31). Dessa forma, equilibrando a doutrina da graça, ou do amor de Deus, com a doutrina do juízo divino.

O enredo doutrinava a igreja na direção de buscar o temor do Senhor, posto que, se Ele não poupou anjos quando pecaram, também não deixaria passar em branco a desobediência dos homens. Declarou o apóstolo Paulo:

Não vos enganéis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna. (Gl 6:7-8)

Escatologicamente, o escrito era utilizado para enfatizar que o fim chegaria e que Jesus Cristo voltaria com os seus anjos, de acordo com I Enoque e como reafirmou Judas. Ou seja, I Enoque foi amplamente usado para ensinar sobre a volta de Cristo, o juízo vindouro e as recompensas prometidas aos justos.

O Livro dos Vigilantes nos proporcionou conhecer a história da corrupção angelical, geradora da corrupção humana e provocadora da ira de Deus sobre anjos, homens, animais e nefilins.

Os principais tópicos presentes na narrativa são:

1. Rebelião angelical;
2. Casamento de anjos com mulheres;
3. Geração de uma raça híbrida de gigantes;
4. Transmissão de conhecimentos ocultos aos humanos;
5. Intensificação da maldade sobre a terra gerada pelos gigantes;
6. Intercessão dos anjos em prol dos homens;

7. Enoque é chamado por Deus para receber uma mensagem de juízo e comunicá-la aos vigilantes;
8. A sentença constava de três punições: os sentinelas sofreriam com a morte dos seus filhos gigantes e seriam amarrados; os filhos gigantes guerrearão entre si e morreriam; os humanos seriam punidos com o juízo do dilúvio;
9. Os sentinelas pedem para Enoque interceder por eles diante de Deus;
10. Enoque escreve a petição dos vigilantes;
11. Deus rejeita o pedido dos sentinelas;
12. Os filhos dos gigantes se transformariam em espíritos malignos após a morte;
13. Enoque viaja junto a anjos e recebe visões de lugares de tormento e do paraíso eterno.

Verificamos que o texto de I Enoque tem ligações diretas e indiretas com o texto bíblico. Algumas semelhanças constatadas foram:

1. Tanto o texto bíblico, como o dos vigilantes, falam de um dilúvio como expressão do juízo de Deus;
2. A Bíblia, assim como o Livro dos Vigilantes, fala de Enoque em uma perspectiva positiva;
3. Ambos os livros (Bíblia e Vigilantes) falam da corrupção angelical;
4. Os livros falam do juízo de Deus para anjos e humanos;
5. Os textos falam do paraíso eterno.

Além das semelhanças encontradas, há relação explícita e implícita entre o texto bíblico e o Livro dos Vigilantes, algumas delas são:

1. O livro de I Enoque é citado na Bíblia por Judas;
2. O apóstolo Pedro usa I Enoque para falar do aprisionamento dos anjos;
3. Há citações de I Enoque na fala de Jesus;
4. O bode emissário oferecido à Azazel tem ligações com a

narrativa dos Vigilantes.

Desejando ter ideia da abrangência do uso do Livro dos Vigilantes, por parte dos judeus, verificamos que a narrativa apresenta-se em vários escritos judaicos. Abaixo alguns deles:

1. Jubileus;
2. Testamento dos 12 Patriarcas;
3. Oráculos Sibilinos;
4. Documento de Damasco;
5. 2 Baruc;
6. 2 Enoque;
7. Escritos de Qumran.

REFERÊNCIAS

- ALARCÓN, E.; FAITANIN, P. **Bibliographia Thomistica**. Doctor Angelicus 6, 2006.
- ALEXANDRE, P. S. **The Targumim and Early Exegesis of 'Sons of God' in Genesis 6**. In: Journal of Jewish Studies 23, 1972.
- ARAÚJO, Anderson Dias. **Anjos Vigilantes e Mulheres Desvekadas: Uma relação possível em 1 Coríntios 11,10?** 2009, 127p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.
- AQUINO, Felipe. **Anjos**. São Paulo: Cleófas, 2005.
- BARNES, T. D. **Tertullian: a Historical and Literary Study**. Oxford: Clarendon Press, 1985.
- BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2ª ed, 2001.
- CERVO, Amado L. e BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- CHAMPLIN R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**, Vol. I. São Paulo: Hagnos, 2002.
- CHARLES R. H. **The Book of Enoch**. D.LITT., D.D. With an introduction by W. O. E. Oesterley, D.D. London. Society for Promoting Christian Knowledge, 1917.
- COLLINS, John J. **A imaginação apocalíptica: uma introdução a literatura apocalíptica judaica**. São Paulo: Paulus, 2010.
- COLLINS, John J. Sibylline Oracles. **A New Translation and Introduction**. In: CHARLESWORTH, James H. The Old Testament Pseudepigrapha. Vol II. New York, Doubleday, 1983.
- CHARLESWORTH, James Hamilton. **The Odes of Solomon**. Oxford: Oxford UP, 1973.
- COLLINS, J. J. Seers, Sibyls and Sages in Hellenistic-Roman Ju-

daism, JSJSup 54. Leiden, Brill, 1997.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ DO BRASIL, Convenção São Paulo, 1936.

CORRINGTON, Gail Paterson. The “headless woman”: Paul and the language of the body in 1 Cor 11,2-16. In PRS, n.18, 1991.

COSGROVE, Charles H. **A Woman’s Unbound Hair in The Greco-Roman World, with Special Reference to The Story of The “Sinful Woman” In Luke 7:36-50**. In Journal of Biblical Literature, vol. 124, n.4, 2005.

DOCKERY, David S. **Manual Bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FEE, Gordon D. The first epistle to the corinthians. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1987.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino e TIGCHELAAR, Eibert J. C. **The Dead Sea Scrolls Study Edition**. Vol.1. Leiden/Boston/Kön/Grand Rapis/ Cambridge, Brill/Eerdmanns, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Grabmann, Martin. Virgil Michel. **Thomas Aquinas: His Personality and Thought**. Kessinger Publishing, 2006.

GRANT, Robert M. **Irenaeus of Lyons**. [S.l.]: Routledge, 1997.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HABAS, Rubin E. Habas, *The Jewish Origin of Julius Africanus*, JJS 45, 1994.

IRINEU de Lião: **i, ii, iii, iv, v livro**. São Paulo: Paulus, 1995.

JUSTINO DE ROMA: i e ii apologias diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KLIJN, A. F. J. 2 (Syriac Apocalypse of) **Baruch. A New Translation**

- and Introduction.** In: CHARLESWORTH, James H. *The Old Testament Pseudepigrapha*. Vol II. New York, Doubleday, 1983.
- KVANVIG, H.S. **Gen 6,3 and the watcher story.** In: *Henoch* 25, 2003.
- KVANVIG, H.S. **The Watcher Story and Genesis an Intertextual Reading.** In: *Scandinavian Journal of the Old Testament* 18, 2004.
- LIMA, Manolita Correia. **A engenharia da produção acadêmica.** São Paulo: Unidas, 1997.
- MACLEAN, A. J. **Dictionary of the apostolic church.** New York: James Hastings, 1916.
- MILIK, J. T. **The books of Enoch.** Aramaic Fragments of Qumran Cave 4. Oxford, Clarendon Press, 1970.
- MARTÍNEZ, Florentino García. **Textos de Qumran.** São Paulo: Vozes, 1995.
- MURPHY - O'CONNOR, Jerome. **Sex and logic in 1 Corinthians 11.2-16.** In: *Catholic Biblical Quarterly*, vol. 42, 1980.
- NICKELSBURG, George W.E. **1 Enoque: A Commentary on the book of 1 Enoque, Chapters 1-36; 81-108.** Minneapolis: Augsburg Fortress, 2001.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. **O Mito dos Vigilantes: apocalípticos em crise com a cultura helenista.** *Religião e Cultura*, n.10, 2006.
- OTERO, A. Santos. **Livro de Los Secretos de Henoc (Henoc estava).** In: DIEZ MACHO, Alejandro. *Apócrifos Del Antiguo Testamento*. Vol. IV. Madri, Ed. Cristiandad, 1987.
- PADRES Apologistas: **carta a Diogneto, Aristides de Atenas, Taciano, o Sírio, Atenágoras de Atenas, Teófilo de Antiquiam, Hérmiás, o filósofo.** São Paulo: Paulus, 1995.
- PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as doutrinas da Bíblia.** São Paulo: Vida, 2006.
- PROPHET, Elizabeth Clare. **Anjos caídos e as origens do mal.** Rio de Janeiro: Nova Era, 2002.
- REED, Annette Yoshiko. **Fallen Angels and the History of Judaism and Christianity.** *The Reception of Enochic Literature*. New York,

Cambrigde University Press, 2005.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SACCHI, Paolo. **Jewish Apocalyptic and its History**. JSPSup 20. Sheffield, Sheffield Academic, 1990.

SPINELLI, Miguel. **Helenização e Recriação de Sentidos**. A Filosofia na época da expansão do Cristianismo – Séculos II, III e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SPROUL, Robert Charles. **Verdades essenciais da fé cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

TERRA, Kenner Roger Cazotto. **De guardiões a demônios**. A história do imaginário do Pneuma Akatharton e sua relação com o mito dos vigilantes. 2010, 144p. Dissertação(Mestrado em Ciência da Religião). Universidade Metodista de São Bernardo do Campo.

TEBES, J.M. **Cyprian of Carthage: Christianity and Social World in the 3rd. century**, Cuadernos de Teología 19, 2000.

The Zondevon Pictorial Encyclopedia of the Bible, vol. 1

VANDERKAM, James C. **Enoch and the Growth of an apocalyptic Tradition**. CBQMS 16. Washington, DC: CBA, 1984.

VANDERKAM, James C. **Enoch, a Man for All Generations**. Columbia, University of South Carolina Press, 1995.

VANDERKAM, James C. and ADLER, William. **The Jewish Apocalyptic Heritage in Early Christianity**. Compendia Rerum Iudaicarum ad Novum Testamentum. Minneapolis: Fortress Press, 1996.

WINTERMUT. O. S. **Jubilees. A New Translation and Introduction**. In: CHARLESWORTH, James H. **The Old Testament Pseudepigrapha**. Vol II. New York, Doubleday, 1983.

Informações sobre o autor

Filipe Guimarães

Professor do curso de Relações Internacionais da UNIFAP. Pós-doutor em Relações Internacionais pela UFABC (2017). Doutor em Ciências da Religião pela UMESP (financiamento FAPESP). Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB-UMESP (financiamento PROCAD). Graduado em Administração de Empresas (UFPB), com destaque em Planejamento Estratégico Participativo. Licenciatura em História com ênfase em História das Relações Internacionais. Músico segundo a Ordem dos Músicos do Brasil. Responsável em Implantar a Arqueologia da Religião no território brasileiro. Coordenador do Projeto de Pesquisa Relações Internacionais e Religião. Realizou vários estágios de pesquisa em diversas Universidades no Exterior.

I Enoque nos faz conhecer o contexto histórico e religioso dos séculos III ao I, antes de Cristo. Nesse período, o movimento apocalíptico abandonou a tradição profética de contestação ao Império, resguardando-se, apenas, a pregação escatológica. Nesta época a literatura apocalíptica popularizou-se mas somente os livros de I Enoque e Daniel destacaram-se, e hoje, são os que mais chamam a atenção dos estudiosos do período. A leitura deste livro, escrito pelo Dr. Filipe Guimarães, especialista em Literatura Enoqueana e Arqueologia da Religião, certamente, despertará, em você, o desejo de ler e conhecer sobre I Enoque, texto muito rico para o estudo de temas relacionado as crenças judaico-cristão especialmente aquelas do contexto angelológico.

Prof. Dr. Tércio Machado Siqueira
PPGCR-UMESP

